



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA

GUIA DE FORMAÇÃO DE FORMADORES PARA A REDE DE ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL

1ª edição

Brasília
2013

Guia de Formação de Formadores para a Rede de Enfrentamento
ao Tráfico de Pessoas no Brasil / Raul Araujo; Secretaria Nacional de Justiça
– 1ª ed. Brasília : Ministério da Justiça, 2013.

84 p. : il.

“Esta publicação foi produzida com o apoio da União Europeia”.

ISBN : 978-85-85820-72-5

1. Tráfico de pessoas. 2. Migração. 3. Direitos humanos. I. Araujo,
Raul. II. Brasil. Secretaria Nacional de Justiça.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Ministério da Justiça

Ficha técnica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE JUSTIÇA, CLASSIFICAÇÃO, TÍTULOS E QUALIFICAÇÃO
COORDENAÇÃO DE ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS
Esplanada dos Ministérios, bloco T, Ministério da Justiça, 4º andar, sala 429
Brasília - DF CEP: 70064-900
portal.mj.gov.br/traficodepessoas/

Equipe do ICMPD:

Joana B. Cavalcanti Barbosa, Radka
Kristyna Chobotova, Lukas Gehrke,
Fabiana Gorenstein, Enrico Ragaglia e Elisa
Trossero.

ICMPD

Gonzagagasse 1
A – 1010 Vienna
Áustria
www.icmpd.org

Autor:

Raul Araujo

Copyright:

International Centre for Migration Policy
Development (ICMPD), 2013

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, copiada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotografia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação, sem autorização dos proprietários do copyright.

Esta publicação foi produzida com a ajuda da União Europeia. Seu conteúdo é de exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não reflete, de forma alguma, nas opiniões da União Europeia ou do International Centre for Migration Policy Development (ICMPD) sobre o tema, bem como as conclusões nela contidas não são vinculativas para nenhuma das partes.

Revisão: SLA Propaganda

Diagramação: SLA Propaganda

Expediente

PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Dilma Rousseff

MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA

José Eduardo Cardozo

SECRETÁRIA EXECUTIVA DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Márcia Pelegrini

SECRETÁRIO NACIONAL DE JUSTIÇA

Paulo Abrão

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE JUSTIÇA, CLASSIFICAÇÃO, TÍTULOS E QUALIFICAÇÃO

Fernanda Alves dos Anjos

DIRETOR ADJUNTO DO DEPARTAMENTO DE JUSTIÇA, CLASSIFICAÇÃO, TÍTULOS E QUALIFICAÇÃO

Davi Ulisses Brasil Simões Pires

COORDENADORA DE ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS

Heloisa Greco Alves

EQUIPE DE ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS

Angela Regina Cavalheiro Ansilheiro; Franciele da Nóbrega Caeiro;
Luciléia Sousa e Silva Rollemberg; Michelle Martins Souza; Priscilla
Hoffmann Mercadante.

Sumário

Introdução	8
Apresentação	10
CAPÍTULO 1	13
1. Metodologia	14
CAPÍTULO 2	19
2. Estrutura Básica de uma Formação	20
2.1 Como fazer o convite	20
2.2 Educador, curinga, professor e especialista	21
2.3 Organização do espaço	23
2.4 Estrutura de uma formação	25
2.5 Atividades para a apresentação dos participantes	27
2.5.1 A bola e o círculo	28
2.5.2 Cosme e Damião	28
2.5.3 Eu gosto de... porque...	29
2.5.4 Vôlei dos nomes	29
2.6 Atividade para o contrato de trabalho	30
2.7 Atividades para a avaliação	30
2.7.1 Uma palavra, uma frase ou um sinal	30
2.7.2 A Bola e o círculo – avaliação	31
2.8 Apresentação de PowerPoint	31
CAPÍTULO 3	35
3. Migração e Migrantes – Explorando os Conceitos	36
3.1 Atividades para trabalhar os conceitos de migração e migrante	39

3.1.1 João bobo	39
3.1.2 Terremoto	39
3.1.3 Para todos	41
3.1.4 A migração na música	41
3.1.5 O apê	42

CAPÍTULO 4

45

4. Tráfico de Pessoas e sua estrutura de Enfrentamento

46

4.1 Atividades para trabalhar os conceitos de tráfico de pessoas e estrutura para o enfrentamento ao tráfico de pessoas	46
4.1.1 Tome uma posição	46
4.1.2 Desafio a partir de palavras chaves	47
4.1.3 Sujeito de direito	48
4.1.4 Atividade: mapeamento de ativos da rede	48
4.1.5 Os de fora da lei	49
4.1.6 Estudo de caso típico - Caso Neymar	50

CAPÍTULO 5

57

5. O Tráfico de Pessoas em Cena – Teatro Imagem

58

5.1 Atividades do Teatro do Oprimido	61
5.1.1 Cruz e círculo	61
5.1.2 Escrever o nome no ar	62
5.1.3 Nariz, orelha, testa	62
5.1.4 Bons dias	62
5.1.5 1, 2, 3 de Bradford	63
5.1.6 Ninguém com ninguém	63
5.1.7 Viagem imaginária	64
5.1.8 Completar a imagem	64
5.1.9 Demonstração de teatro fórum - o aperto de mãos	66
5.1.10 Galeria de estátuas	66

5.1.11 Fórum de imagens	67
5.1.12 Círculo de nós	68
Conclusão	72
Bibliografia	74
Anexos - Letras e Poesias	75
Paratodos	75
Irene	76
Marinheiro Só	76
Com a Perna no Mundo	77
Mar de Portugal	77
Lugar Nenhum	77
Preciso me Encontrar	78
London London	78
O Bêbado e a Equilibrista	79
Meu Caro Amigo	80
Asa Branca	81
Clandestino	82

Introdução

O Projeto "Itineris: Proteção dos direitos dos migrantes contra a exploração, do Brasil para Estados-Membros da União Europeia" conta com financiamento da União Europeia; da Secretaria Nacional de Justiça, Ministério da Justiça do Brasil; do Conselho Nacional de Imigração, Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil; do Escritório Federal para Migrações da Suíça; da Secretaria Geral para Igualdade da Galícia, Espanha; e da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero, Portugal.

Integram, ainda, a iniciativa, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal (SEF); a Divisão de Direitos Humanos da Polícia Federal do Brasil; o UNODC - Cone Sul e Brasil; e a OIT – Escritório de Brasília. O parceiro implementador é o *International Centre for Migration Policy Development (ICMPD)*.

O objetivo geral do projeto é a proteção dos direitos dos migrantes, especialmente contra a exploração e o tráfico, através da difusão de informações sobre direitos dos migrantes e do fortalecimento da capacidade institucional das organizações brasileiras para enfrentar o tráfico de pessoas e prestar atendimento adequado a vítimas e migrantes em situações de

violação de direitos humanos.

O Projeto Itineris inclui um componente dedicado ao fortalecimento institucional dos Núcleos Estaduais de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (NETPs) e Postos Avançados de Atendimento Humanizado aos Migrantes (daqui para frente referidos apenas como "Núcleos" e "Postos") no Brasil, apoiado pela Secretaria Nacional de Justiça, Ministério da Justiça do Brasil. O objetivo desse componente é fortalecer a atuação dos Núcleos e Postos nos municípios e estados através de pesquisas, estudos e eventos de formação.

Esse componente do projeto compreende a publicação de 3 Guias:

- Guia de Referência para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil;
- Guia de Atuação no Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil;
- Guia de Formação de Formadores para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil.

O *Guia de Formação de Formadores para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil* tem por finalidade oferecer subsídios para organização de formações

sobre o enfrentamento ao tráfico de pessoas para fins de multiplicação do conhecimento e fortalecimento das redes locais.

A primeira formação para técnicos de núcleos e postos ocorreu entre os dias 16 e 18 de outubro de 2013 em Brasília, Distrito Federal. Essa formação serviu para testar a metodologia e permitir o refinamento da proposta de formação de formadores.

Este material foi elaborado para ser utilizado junto com o *Guia de Referência para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil*¹, o *Guia de Atuação para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil*² e preferencialmente por pessoas que participaram de uma formação sobre este material.

1 – O *Guia de Referência Para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil* será entregue junto com este material ou pode ser obtido em PDF no endereço eletrônico: <http://portal.mj.gov.br/services/DocumentManagement/FileDownload.EZTSvc.asp?DocumentID=%7BFED94671-F368-4D50-8B6E-D4E82C63F60F%7D&ServiceInstUID=%7B166ABD3B-D529-491E-B238-57F4FB577D50%7D>

2 – Material a ser publicado

No capítulo 1, Metodologia, os princípios pedagógicos que orientam esta publicação estão evidenciados. A metodologia tem como eixos centrais a educação em direitos humanos e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire. A metodologia proposta compreende o educando como sujeito ativo na construção do seu conhecimento, portanto oferece ao leitor a oportunidade de propor sua própria prática pedagógica através da leitura crítica deste material.

Apresentação

O presente Guia de Formação de Formadores para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil é fruto da estreita parceria entre o Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça, e o International Centre for Migration Policy Development (ICMPD) no marco do Projeto "Itineris: Proteção dos direitos dos migrantes contra a exploração, do Brasil para Estados-Membros da União Europeia".

O Projeto Itineris dedicou o segundo dos seus três componentes ao fortalecimento da atuação dos Núcleos Estaduais de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Postos Avançados de Atendimento Humanizado aos Migrantes no Brasil.

Nesse contexto, o projeto tenta impulsionar ações sustentáveis ao (i) repassar informações abrangentes relacionadas ao tráfico de pessoas, sistematizadas no Guia de Referência para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil; (ii) proporcionar às equipes dos núcleos e postos em funcionamento no Brasil um apoio para condução de suas atividades operacionais de forma estruturada e consistente, através do Guia de Atuação no Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil; e, finalmente, (iii) trabalhar formas metodológicas e ferramentas necessárias para fortalecer as habilidades de facilitação dos atores brasileiros na organização e realização de treinamentos, seminários, grupos de trabalho, entre outros, ora compiladas neste Guia de Formação de Formadores para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil.

O Guia buscou consolidar técnicas práticas e abrangentes que melhorem o trabalho de multiplicadores, reconhecendo a estrutura interdisciplinar e multi-institucional da Rede Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, de modo a garantir que o conhecimento adquirido seja replicado para os demais atores que contribuem para a prevenção e o enfrentamento deste fenômeno, mesmo após o tempo de execução do projeto Itineris.

Sendo assim, é do interesse maior da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça do Brasil, do ICMPD e demais parceiros do projeto que os procedimentos apresentados no presente Guia venham a guiar e fortalecer o trabalho de formadores

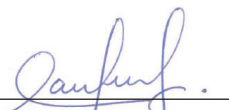
locais, a fim de que possam instruir, de forma autônoma, parceiros e possíveis sucessores sobre o tema, de acordo com princípios e diretrizes de direitos humanos refletidos na Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.

Desejamos uma boa leitura e um ótimo aproveitamento!



Lukas Gehrke

Diretor, Dimensão Sul,
International Centre for Migration
Policy Development (ICMPD)



Paulo Abrão

Secretário Nacional de Justiça do
Ministério da Justiça

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA

1. Metodologia

“Ninguém educa ninguém,
ninguém se educa a si mesmo,
os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

O trabalho de Educação em Direitos Humanos no Brasil, para além de compartilhar informações sobre normas e procedimentos, traz como imperativo a demanda de afirmar princípios e valores fundamentais que sustentam todo edifício de uma sociedade que se quer justa, democrática e plural, em contraposição à manutenção das desigualdades, preconceitos e vulnerabilidades que persistem na sociedade brasileira. Tal tarefa só pode ser alcançada quando se compreende a educação como um processo de emancipação do sujeito em relação às diversas formas de opressão vividas cotidianamente nas relações familiares, comunitárias, trabalhistas ou mesmo nas relações com as autoridades estatais que, muitas vezes, atuam consciente ou inconscientemente em desacordo com os princípios de direitos humanos.

Nesta perspectiva, é fundamental propor uma metodologia que supere a ideia de educação como mera transmissão de conhecimento, uma metodologia que trabalhe, além de aspectos cognitivos, as experiências, sentimentos, emoções, valores e princípios. Mas que acima de tudo, colabore para que educador e educando possam juntos ensaiar ações e fazer reflexões acerca do mundo e, deste modo, possam construir respostas significativas ao contexto em que os grupos vulneráveis à exploração e tráfico de pessoas estão inseridos.

Assim, esta proposta de ***Formação de Formadores para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil*** implica na suplantação da diferença entre educador e educando, a partir da proposta de Paulo Freire:

“(…)a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou narrar, ou transferir, ou transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato

cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível.”¹

Deste ponto de vista tanto educador como educando são críticos da realidade e sujeitos do conhecimento. Portanto, ainda que nesta proposta o educador tenha o papel de planejar as estratégias educativas, propor inicialmente atividades para o grupo e sustentar o espaço educativo, tanto educador como educando exercem um papel ativo na construção e reconstrução do conhecimento.

Assim, os conteúdos como a legislação acerca do tráfico de pessoas, os planos nacionais, os conceitos e procedimentos são considerados instrumentos para que educador e educando intervenham na realidade.

Os serviços do sistema de garantia de direito, frequentemente insuficientes, inadequados ou inexistentes e, que talvez em uma abordagem tecnicista seriam impeditivos de uma ação, aqui constituem o próprio objeto de análise e subsídios para a construção do conhecimento acerca da realidade a ser transformada.

Deste modo “(...) o nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la, mas dialogar com ele sobre a sua própria visão e a nossa. Temos que estar convencidos de que a sua visão do mundo, manifestada nas diversas formas da sua ação, reflete a sua situação no mundo onde se constitui. A ação educativa e a ação política não podem prescindir do conhecimento crítico desta situação, sob pena de que se transformem em “bancárias” ou numa pregação no deserto.”²

Na proposta freiriana de educação, supera-se a dicotomia entre educador e educando, contudo afirmam-se papéis diferentes para cada um deles no processo de construção do conhecimento:

“(…) ao propor-se aos educandos a análise de sua prática anterior, implícita na codificação, o educador não pode furtar-se, em determinados momentos, de informar. E não pode na medida mesma em que conhecer não é adivinhar. O fundamental, porém, é que a informação seja precedida e associada à problematização do objeto em

1 – Freire, 1987,p 39.

2 – Freire, 1987, p. 49.

torno de cujo conhecimento ele dá esta ou aquela informação. Desta forma se alcança uma síntese entre conhecimento do educador, mais sistematizado, e o conhecimento do educando, menos sistematizado - síntese que se faz através do diálogo. ”³

Assim cabe ao educador planejar as atividades com antecedência, construir estratégias tendo como base valores democráticos e implementá-las de maneira dialogada com os educandos. Deste modo, estabelecendo um diálogo mais amplo com os valores e princípios essenciais para consolidação dos direitos humanos no Brasil, valores e princípios que são transversais à política de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Por esta razão, os direitos humanos constituem um valor fundamental para a construção deste Guia. A metodologia, as estratégias e os conteúdos abordados nesta publicação estão orientados por eles e, portanto, espera-se que as atividades e formações inspiradas por este material sejam pautadas pelos mesmos valores.

Um processo de formação dialógica sobre tráfico de pessoas é caracterizado por:

- Utilização de jogos e exercícios experienciais nos quais as atividades reproduzem, de forma análoga, as características das situações reais com as quais a proposta de uma formação se propõe a trabalhar;
- Valorização da perspectiva de construção e reconstrução do conhecimento, da ação autônoma dos participantes, do aprender a aprender, em detrimento de outras possibilidades centradas na transmissão e absorção estáticas do conhecimento;
- Arquitetura das sessões centradas na ação, reflexão e crítica das atividades propostas, e sua revisão pelos participantes baseada em fundamentos e valores relativos aos direitos humanos.

3 – Freire, 1981, p. 42.

Anotações:

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA BÁSICA DE UMA FORMAÇÃO

2. Estrutura básica de uma formação

Neste capítulo, o leitor encontrará modos de planejar uma atividade de formação, atividades de apresentação, maneiras de criar um contrato de grupo, formas de manejo de grupo e atividades de avaliação.

Formação no seu contexto geral significa conjunto de atividades que visam à aquisição de conhecimentos, capacidades, atitudes e formas de comportamento exigidos para uma determinada atividade. Numa perspectiva crítica, que considera os sujeitos e a realidade social em constante transformação, este processo nunca está acabado.

2.1 Como fazer o convite

O tráfico de pessoas é um crime com interface com diversas violações de direitos humanos, assim, para enfrentá-lo, deve-se estruturar uma estratégia que envolva cada vez mais novos atores. Em primeiro lugar, é importante que eles tenham informação sobre o que é o tráfico de pessoas, como ele acontece, quais são as outras violações de direitos que estão relacionadas a este crime, entre outras informações. Para atingir este objetivo, há que se oferecer espaços de formação.

O convite é um instrumento importante para atrair e informar atores chaves para a política de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Convidar significa pedir o comparecimento de alguém a algum lugar ou a algum ato, mas também significa atrair ou despertar o desejo de alguém. Para aquele que organiza um processo de formação, o ato de convidar tem essa dupla tarefa: fazer com que as pessoas estejam presentes, mas também, que estejam presentes com o desejo de conhecer e participar.

Estratégias formais: Convite impresso, convite eletrônico, convocação, ofício, incluir a formação nas formações continuadas dos profissionais da rede, validação acadêmica da formação a fim de oferecer créditos, certificados ou reconhecimento de horas, atividades dentro do programa formal de educação.

Estratégias informais: Convite verbal, visita aos serviços, setores, reunião de trabalho, pequenas palestras, falas que despertem o interesse das pessoas pelo tema.

De um modo geral, o convite deve conter a data, hora, local, público-alvo, objetivos do encontro e todas as outras informações que o organizador julgue interessantes para atrair os participantes.

Sentir-se bem-vindo pode funcionar como um convite à atividade. A recepção dos participantes pode ser uma forma de dizer: sinta-se convidado. Uma mesa com café, chá e água pode ser um espaço de boas-vindas que ajude não só na recepção como na integração dos participantes.

2.2 Educador, curinga, professor e especialista

Qual é o papel daquele que vai formar outras pessoas?

Professor, especialista, facilitador, mediador, coordenador, educador, formador?

Conceitos básicos:

Professor

1. Aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; mestre.
2. Fig. Homem perito ou adestrado.
3. Aquele que professa publicamente as verdades religiosas.

Especialista

1. Pessoa que se consagra com particular interesse e cuidado a certo estudo.
2. Pessoa que se dedica a um ramo de sua profissão.
3. Pessoa que tem habilidade ou prática especial em determinada coisa.

4. Conhecedor, perito.

Educador:

Paulo Freire opta pela denominação educador ao afirmar que: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Para Freire, os humanos estão no mundo com outros humanos e é nesta relação que nos humanizamos. Portanto, o educador nesta proposta tem a responsabilidade de organizar os meios através dos quais a relação de troca de conhecimento aconteça.

Segundo Freire:

“O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos.”

Curinga:

Augusto Boal⁴ dá o nome de Curinga àquele que facilita as oficinas de Teatro do Oprimido. O Curinga é um técnico artístico-pedagógico que tem a função de formar grupos, ministrar oficinas e realizar atividades pertinentes à produção cultural de um trabalho artístico, assim como facilitar a oficina, aplicar jogos e mediar o diálogo cênico.

Em uma formação espera-se do educador que:

- Convide os participantes;
- Planeje as atividades;

4 – Augusto Boal foi uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional. Fundador do Teatro do Oprimido, que alia o teatro à ação social, suas técnicas e práticas difundiram-se pelo mundo, notadamente nas três últimas décadas do século XX, sendo largamente empregadas não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política mas também nas áreas de educação, saúde e direitos humanos.

- Organize o espaço físico;
- Auxilie o grupo a criar regras de convivência;
- Estabeleça diálogo com os participantes, entre os participantes e com a realidade;
- Escute o grupo e possa organizar a fala dos participantes;
- Replaneje suas atividades a partir da escuta do grupo;
- Aprenda com o processo e com os participantes;
- Assuma para o grupo suas dúvidas e junto com o grupo busque respostas para o que não sabem responder;
- Lembre ao grupo, sempre que necessário, as normas de convivência estabelecidas.

2.3 Organização do espaço

A organização do espaço físico remete fundamentalmente a 4 dimensões essenciais do espaço:

- 1- A dimensão funcional: se refere à forma como o espaço é usado;
- 2- A dimensão temporal: a maneira que o espaço será utilizado nos vários momentos da formação;
- 3- A dimensão relacional: a maneira que as relações entre os participantes se estabelecem;
- 4- A dimensão ideológica: está relacionada com as escolhas e visões de educação que se traduzem na organização espacial de um ambiente.

Todas essas dimensões funcional, temporal, relacional e ideológica refletem a escolha do educador ao planejar suas atividades. Portanto, vale a pena explorar alguma das escolhas possíveis.

Com as **carteiras dispostas em filas**, os participantes sentam-se uns atrás dos outros, voltados para o educador. Como no formato de um teatro tipo italiano, este foi o formato de sala de aula que ganhou força no Iluminismo e que se proliferou durante a Revolução Industrial. Este modelo toma o educador como o produtor de informações e os participantes como receptores.

Paulo Freire dá o nome de *educação bancária* a esta forma de se relacionar com o conhecimento. Nesta organização de sala de aula os participantes não se veem.

Essa forma de organização do espaço não é compatível com a proposta metodológica desse Guia porque hierarquiza e fixa as posições dos participantes de forma verticalizada.

As cadeiras em formato de U destacam o lugar do educador, separando-o do restante do grupo, permitindo-lhe liberdade de movimento, dando-lhe acesso rápido ao quadro e possibilitando a sua entrada dentro do U sempre que necessite estabelecer contato mais próximo com os participantes. Tendo como referência a metodologia proposta, este formato pode ser utilizado para a projeção de slides e filmes; apresentação ou fala de especialista; utilização de flipchart, quadro negro ou outro recurso de anotações.

As **mesas agrupadas** possibilitam que as pessoas participem mais ativamente, troquem informações, dialoguem, leiam e redijam textos com maior facilidade. Esta organização pode ser utilizada para realizar produções escritas, conversas, estudos de caso, construção de fluxos e discussões em pequenos grupos.

As **cadeiras em círculo** possibilitam ao educador encontrar-se no mesmo lugar que os outros participantes, num mesmo patamar, com as pessoas voltadas para o centro do círculo, podendo olhar e dirigir-se a qualquer outra, sem qualquer dificuldade. O quadro deve estar fora do círculo. A disposição em círculo melhora a interação livre entre participantes, permitindo-lhes conversar livremente uns com os outros, e minimiza a distância emocional e física entre eles.

O espaço **sem cadeiras** ou com as cadeiras encostadas nas paredes é ideal para realizar jogos e exercícios. Nesta modalidade de organização do espaço, os participantes têm maior possibilidade de circulação e interação tanto com os outros participantes como com o educador. Contudo, exige maior atenção do educador em relação ao grupo. Faz-se necessário requisitar a atenção de todos para passar as instruções das atividades. Ao pedir a atenção deve-se ter o cuidado para não fazê-lo em tom agressivo ou autoritário.

Este tipo de ambiente induz à conversa entre os participantes e à dispersão. Portanto, é importante o educador utilizá-lo de maneira a envolver os participantes pela própria atividade proposta e não por ordens ou controle.

Flexibilidade do espaço

A possibilidade de organizar a disposição de mesas e cadeiras de acordo com o objetivo de cada atividade permite aos participantes experienciar o espaço de uma maneira dinâmica e mutável. Na modalidade tradicional de educação, o espaço é imutável e os participantes devem respeitar o formato dado. Em uma proposta de educação libertadora, a ideia de poder transformar o espaço educativo faz parte da estratégia de empoderar os participantes a transformarem outras estruturas na sociedade.

2.4. Estrutura de uma formação

Quando se propõe uma atividade educativa, a partir de uma perspectiva democrática de educação, deve-se levar em consideração alguns aspectos que são de extrema relevância tanto para o planejamento como para o desenvolvimento da atividade.

O primeiro aspecto a ser considerado ao planejar uma atividade é dar condições para que os participantes se coloquem como sujeitos da própria educação. Portanto, é importante que se considere a infraestrutura para o acolhimento dessas pessoas, ou seja, é necessário saber, previamente, o número de participantes para que o espaço e os materiais necessários utilizados na formação sejam suficientes para o trabalho com o grupo. Saber o número de participantes antecipadamente auxilia também na estruturação da equipe técnica, pois quanto maior o grupo maior a necessidade de pessoas para a execução da atividade.

Na formação propriamente dita a primeira atividade são as boas-vindas; logo em seguida, é importante que os participantes sejam informados sobre os objetivos do encontro e a ordem cronológica das atividades que serão realizadas.

Após esta introdução geral, com as informações básicas sobre o trabalho, o educador deve se apresentar brevemente para o grupo e deixar que os participantes façam o mesmo. Na apresentação, pode se dizer o nome, local de trabalho, função que exerce, cargo, expectativas em relação à formação, o motivo de estar participando da formação, etc.

Neste tipo de apresentação é importante que o educador indique claramente o que é esperado que as pessoas digam sobre si. O educador pode fazer perguntas aos participantes incentivando a fala ou esclarecendo as dúvidas. Este formato de apresentação oferece a possibilidade de cada participante estruturar sua fala e se apresentar da maneira que julgar adequada. Contudo, este formato pode tomar muito tempo, tornar-se cansativo, além de trazer apenas informações formais das pessoas envolvidas.

Os jogos de apresentação podem ser uma alternativa que permite que os participantes se apresentem ao grupo e se integrem com os demais de maneira lúdica e descontraída. Os jogos apresentam a vantagem de quebrar o formalismo e fazer com que as pessoas se sintam parte do jogo e do grupo. Eles podem ser utilizados em combinação com uma atividade de apresentação formal.

De posse das informações gerais do programa e conhecendo os outros participantes, é hora de refletir sobre as “regras do jogo”. Todo tipo de interação humana é mediado por regras explícitas ou implícitas. Existem regras da cultura, da família, da sociedade, do Estado, das instituições e regras individuais que os sujeitos criam para si. Uma formação também tem regras. Na modalidade de educação libertadora é importante que o grupo crie suas regras. É evidente que ao criar as regras deve-se considerar as normas já existentes. O grupo pode decidir segui-las ou não, mas é sempre importante considerá-las.

O momento do contrato de grupo serve para mediar as normas de convivência, os horários de início e término, bem como negociar as expectativas dos participantes em relação àquele espaço de formação. O contrato estabelece um ambiente de cordialidade, colaboração e participação. O ato de criar e estabelecer as normas do contrato caracteriza-se pela própria definição de autonomia. Deste modo, ao estabelecer as normas com o grupo, o educador dá o primeiro passo para estabelecer um grupo autônomo e participativo.

Existe um aspecto simbólico no processo de criar regras que deve ser ressaltado aqui. Quando criam-se regras para um grupo, acorda-se que todos devem respeitar a norma que foi criada pelo grupo e que ninguém está acima da norma, nem mesmo o educador. Ao educador tem o papel de zelar pelo funcionamento do grupo, portanto ele deve lembrar ao grupo as regras acordadas sempre que estas forem violadas, mas ele também deve seguir as regras.

Criadas as regras, o grupo já pode dar início às atividades formativas que estão diretamente ligadas ao tema que será desenvolvido que, neste caso, é o enfrentamento ao tráfico de pessoas. O trabalho pode durar uma hora ou uma semana. O tempo de formação depende dos objetivos da atividade, do público-alvo e do planejamento do educador.

Neste guia, existe uma série de atividades que podem ajudar na construção de uma formação. O educador pode lançar mão destas estratégias, mas também utilizar estratégias que já vivenciou, seja na condição de educando ou educador.

Não existe uma receita pronta, mas é importante que o educador saiba os objetivos que quer atingir com cada atividade escolhida e com a formação como um todo. Estes objetivos devem ser explicitados para os educandos no início de uma formação e devem ser retomados ao final. Esta é uma boa medida para avaliar o processo e também para aprimorar as escolhas de atividades e estratégias educativas.

Ao final de um dia de trabalho, de uma sessão ou de um processo de formação, é importante *avaliar* o dia, a sessão ou o processo. A avaliação, como apontado acima, pode ter vários objetivos. O primeiro objetivo é escutar os participantes acerca da experiência educativa de cada um. Avaliar significa determinar a valia ou o valor. Pode-se determinar a valia ou valor de um processo educativo a partir de vários registros. O educador pode avaliar o aprendizado, o processo, as estratégias, os sentimentos, os objetivos, os resultados, etc.

A avaliação pode ser feita a partir de perguntas direcionadas ao grupo, da aplicação de um questionário ou da utilização de algumas atividades de avaliação. A seguir, duas sugestões simples de jogos para avaliação. Contudo, é importante ressaltar que a proposta deste guia é apresentar o processo educativo como um diálogo permanente, ou seja, é importante garantir espaços especiais para avaliação mas, sobretudo, deve-se construir um espaço em que o educador esteja sempre escutando os participantes individualmente e em grupo.

2.5 Atividades para a apresentação dos participantes

Na metodologia proposta neste Guia, os participantes são sujeitos de sua própria educação e, como consequência, o processo de formação é entendido como uma ação do sujeito. Deste modo, a apresentação dos participantes, o nome, a história,

a profissão, os gostos, as escolhas e os demais traços identitários são de extrema relevância para determinar o modo de inscrição do sujeito no grupo.

A primeira possibilidade é pedir para que as pessoas se apresentem, dizendo o nome, instituição que trabalham, de onde vêm etc.

Aqui vão algumas sugestões de atividades para a apresentação dos participantes que permitem que estes tragam informações valiosas sobre si, contribuindo para a integração do grupo. Essas atividades também colaboram para o empoderamento dos participantes, pois os colocam na condição de sujeito desde o início.

2.5.1 A bola e o círculo

Objetivos: Integração, interação, apresentação, descontração, relacionamento interpessoal, aquecimento, observação/concentração, comunicação.

Recursos: Nenhum

Tempo: 10 minutos

Instruções: Faça uma bola de papel. Disponha a sala em formato de círculo. Depois peça aos participantes que pensem nas atividades (profissionais) que realizam no seu cotidiano e selecionem a que mais gostam de realizar e a que menos gostam de realizar. O educador inicia dizendo seu nome, aquilo que mais gosta de fazer em seu cotidiano e o que menos gosta de fazer em seu cotidiano. Logo, joga a bola de papel para alguém e pede para esta pessoa dizer seu nome, aquilo que mais gosta de fazer e o que menos gosta de fazer em seu cotidiano. A pessoa passa a bola para outra pessoa repetindo os mesmos passos anteriores.

2.5.2 Cosme e Damião

Objetivos: Integração, interação, apresentação, descontração, relacionamento interpessoal, aquecimento, observação/concentração, comunicação.

Tempo: 50 minutos, sendo 10 de apresentação da dupla.

Instruções: Divida o grupo em pares (A e B). Os participantes se acomodam pela sala.

Indique aos participantes buscarem conhecer o companheiro (nome, idade, estado civil, filhos, escolaridade, objetivos no evento, instituição que atua, passatempos ou atividades de lazer). Após o tempo de apresentação em dupla o companheiro "A" apresenta o companheiro "B" ao grupo, e vice-versa.

Importante haver clima descontraído e aberto a perguntas sem, contudo, sair do objetivo de apresentação. O exercício se encerra com apresentação de todos.

2.5.3 Eu gosto de... porque..

Objetivos: Integração, interação, descontração, relacionamento interpessoal, aquecimento, observação/concentração, comunicação.

Recursos: Nenhum

Tempo: 15 minutos

Instruções: Peça para que todos os participantes se sentem em cadeiras dispostas em um círculo. Tem que haver uma cadeira em falta para o número de pessoas. A pessoa que não tem uma cadeira fica no meio do círculo e tem de dizer "eu gosto de (nome de um dos outros) porque (chegar a uma razão: pode ser uma característica externa, interna ou qualidade)". A pessoa a quem foi dirigida a afirmação tem que dar o lugar à pessoa que estava de pé, todos os outros participantes que se identificam com esta afirmação devem buscar outra cadeira para sentar. O que não pôde encontrar um novo assento deve então dizer a próxima frase.

2.5.4 Vôlei dos nomes

Objetivos: Integração, interação, apresentação, descontração, relacionamento interpessoal, aquecimento, observação/concentração, comunicação.

Recursos: Nenhum

Tempo: 15 minutos

Instruções: Colocar os participantes em duas linhas, uma na frente da outra, e pedir para cada um dizer seu nome para o grupo. Diga-lhes que eles vão jogar voleibol, mas a bola vai ser os seus nomes: cada uma das fileiras compõe uma equipe, e eles têm que jogar a “bola” para o outro time dizendo o nome de alguém no outro time e fazendo o gesto de jogar a bola com as mãos, pois eles têm que seguir o que eles ouvem, não os gestos. Deixe-os praticar por algum tempo, e depois, se alguém cometer um erro (“pegar” a “bola” sem que seja dito seu nome, ou não pegar quando era a sua vez, por exemplo), ele tem que sair da equipe. A dinâmica finaliza quando todos os integrantes de uma das equipes saírem do jogo.

2.6 Atividade para o contrato de trabalho

Objetivo: Propor a criação de regras e acordos que facilitem a convivência entre as pessoas nas oficinas.

Tempo: 10 minutos

Recursos: Cartolina, canetas hidrográficas e pincel atômico.

Instruções: Retome a conversa sobre a importância de o grupo ter alguns pontos acordados sobre a dinâmica dos trabalhos nas oficinas e que o sucesso desses encontros depende de todos os participantes. Em seguida, escreva as seguintes palavras em uma cartolina: ouvir, falar, cooperar, organizar. Peça para os participantes escolherem uma e estimule que se manifestem sobre a forma pela qual irão contribuir para o sucesso da oficina a partir da palavra escolhida. Defina os horários e como proceder com: horário, participação durante todo o evento, celulares, certificados, lanches etc.

2.7 Atividades para a avaliação

2.7.1 Uma palavra, uma frase ou um sinal

Objetivo: Avaliar a atividade, o dia de trabalho ou o processo.

Tempo: 5 a 10 minutos

Recursos: Nenhum

Instruções: Peça para que eles pensem na atividade, no dia de trabalho ou no processo de trabalho, dependendo do que você gostaria de avaliar. Peça então que escolham uma palavra que represente como foi a atividade.

Variação: O educador pode solicitar um gesto ou uma frase.

2.7.2 A bola e o círculo – avaliação

Este exercício é uma variação do exercício 2.5.1. deste mesmo capítulo. No entanto, aqui tem a função de avaliar a atividade. O educador pede para que o participante jogue a bola de papel para alguém e pede para esta pessoa dizer seu nome, o que aprendeu de mais relevante e o que mudaria no processo.

2.8 Apresentação de PowerPoint

O educador pode optar por utilizar diversas ferramentas para a transmissão de informação dentro de um processo formativo. Entre os softwares que preparam slides para apresentação, o PowerPoint da empresa Microsoft é o mais conhecido. Este recurso sem dúvida é um dos mais utilizados em cursos, aulas, treinamentos e palestras.

Vale lembrar que se trata de uma ferramenta de apoio, ou seja, o palestrante tem o conhecimento e utiliza este tipo de apresentação para facilitar a transmissão para os participantes.

Em uma perspectiva de educação libertadora em que a educação acontece em um diálogo entre sujeitos autônomos, podemos utilizar os slides para apresentar inicialmente alguns conceitos, indicar visualmente o roteiro de uma oficina ou retomar conceitos ao final de uma sessão.

É importante indicar aqui que os slides são apenas a indicação visual daquilo que se quer trabalhar, ou seja, não substituem a fala e a explanação do educador, nem tão pouco o diálogo com os participantes.

Neste link a empresa Microsoft dá dicas de como criar e apresentar slides no PowerPoint

<http://office.microsoft.com/pt-pt/powerpoint-help/sugestoes-para-criar-e-fazer-uma-apresentacao-eficaz-HA010207864.aspx>

Também existem vários tutoriais no YouTube que o leitor poderá explorar. Aqui vai uma sugestão que poderá contribuir para a preparação, organização e apresentação de PowerPoint.

<http://www.youtube.com/watch?v=gHy-KQpsKv8>

Anotações:

CAPÍTULO 3

MIGRAÇÃO E MIGRANTES EXPLORANDO OS CONCEITOS

3. Migração e migrantes – explorando os conceitos

“Quando vim da minha terra, não vim,
perdi-me no espaço, na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.”

Carlos Drummond de Andrade

Neste capítulo, o leitor encontrará atividades que exploram os conceitos de migração, asilo, exílio, partida, chegada, regresso, viagem, desterro, deslocamento, deslocado, referentes ao capítulo *Migração e Migrantes* do *Guia de Referência para Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil*. O capítulo compreende também atividades que trabalham o preconceito, a xenofobia, o sexismo, a homofobia, a lesbofobia e a transfobia.

O fenômeno da migração se mistura com a própria história da humanidade e com a ideia de ser cidadão brasileiro. A humanidade se constitui a partir de diversos movimentos migratórios que ocorrem ao longo da história. No entanto, pertencer ou não pertencer a um grupo ou território, ser “local” ou de “fora” pode ser um divisor de águas no destino de muitos seres humanos ao redor do mundo.

O povo brasileiro se constituiu a partir de muitos fluxos migratórios internos e internacionais. As pessoas migram por motivos diferentes. Algumas migram para fugir da seca, da fome, da guerra ou da perseguição política. Outras migram para buscar trabalho, para viver com parentes ou amigos. Outras pessoas migram em busca de seus sonhos, de um trabalho digno, de uma vida feliz, de educação, de amor, da terra prometida.

A ideia de terra prometida é muito forte no ocidente e está presente nas 3 grandes religiões monoteístas do nosso tempo. A Bíblia é um bom exemplo:

“Então o Senhor disse a Abrão: Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei.”

Faz parte da cultura ocidental a busca pela terra prometida, pelo lugar onde se pode ser feliz, pelo paraíso.

Atualmente, a globalização é um fator determinante dos fluxos de migração contemporânea. A circulação do capital busca locais onde possa se multiplicar com maior facilidade e com menos barreiras, onde o trabalho possa ser agenciado com maior agilidade e menor custo. Assim, arrasta milhões de migrantes regulares e irregulares ao redor do mundo formando os fluxos estruturais contemporâneos.

Nestes fluxos migratórios, o migrante muitas vezes sai de uma condição de vulnerabilidade individual, social e programática para, em um novo contexto, se inserir em um outro local sob novas condições de vulnerabilidade, o que a professora Aldaíza Sposati deu o nome de *Inclusão Perversa*⁵.

O fenômeno da migração é portanto atravessado e estruturado por questões econômicas, políticas, sociais e ambientais que ultrapassam a autodeterminação individual. Contudo, ainda que atravessada por muitos contextos, a migração se articula diretamente com o desejo do migrante, impondo limitações e possibilidades à vida daqueles que migram. O exílio e o desterro compulsório talvez seja uma das maneiras mais violentas de migração do ponto de vista existencial, pois se contrapõe diretamente ao desejo do sujeito.

O poeta Mourid Barghouti, após 30 anos no exílio, fora de Ramallah, sua terra natal, é autorizado a retornar para uma breve visita. Inspirado por esta experiência do retorno a Ramallah, mas também nas memórias do exílio, Mourid escreve o livro *Eu Vi Ramallah, Memórias*. O livro descreve os sentimentos e memórias do passado que se entrelaçam com os vividos no presente.

Ao descrever perguntas e procedimentos cotidianos vividos por quem é estrangeiro, retrata de maneira singular as maneiras de incluir e excluir o migrante, construindo a figura do estrangeiro.

“O exílio é a morte. E a morte a gente pensa ser aquilo que acontece aos outros. Desde aquele verão comecei a ser estrangeiro, condição que sempre pensava ser a de um outro.

5 – Sposati propõe o conceito inclusão perversa em contraposição ao conceito de exclusão. De acordo com a autora a ideia de exclusão social pressupõe uma sociedade organizada e que os excluídos estariam fora da sociedade e que estes precisariam ser incluídos. Na ideia de exclusão perversa os chamados excluídos na verdade fazem parte da sociedade e existe uma demanda social para a existência destas pessoas; contudo, por viverem muitas vezes de maneira precária e com direitos sociais violados, estão incluídos, mas de maneira perversa.

O Estrangeiro é pessoa que renova a Certidão de Permanência. É quem preenche formulários e compra selos. É quem deve constantemente provar e comprovar. A ele é perguntado sempre: “De onde é o irmão?” ou “O verão de vocês é quente?”. Ele é quem não se preocupa com as minúcias cotidianas do povo, nem com sua política doméstica, mas é o primeiro a sofrer suas consequências. Pode não se alegrar com suas alegrias, mas sempre teme o que temem. Ele é sempre o “elemento infiltrado” em uma de suas manifestações, mesmo que não tenha saído de casa naquele dia.

Ele é quem tem a relação com os lugares destorcida mas apega-se a eles, ao mesmo tempo que sente repulsa por eles.

Ele é quem não consegue contar sua história numa linha narrativa contínua e vive, no mesmo momento, alucinações de múltiplos momentos. Para ele, cada momento tem sua eternidade transitória, passageira. Sua memória resiste à ordenação. Vive, essencialmente, naquele pedaço escondido e silencioso dentro de si. Cuida para preservar seu mistério, não gosta de quem pode invadi-lo. Acumula detalhes de uma segunda vida que não cativam os que o cercam, e, quando fala, suas palavras ocultam esses detalhes em vez de declará-los. Gosta quando o telefone toca, mas se assusta e teme. Estrangeiro é aquele a quem pessoas simpáticas dizem: aqui, você está em sua segunda pátria e nós somos uma família. Desprezam-no por ser estrangeiro ou têm pena dele porque é estrangeiro, e isto é mais cruel do que aquilo.”⁶

Ao narrar fatos cotidianos, fragmentos de discursos, memórias e sentimentos, Mourid constrói um mosaico de elementos que apresenta uma definição existencial do que é ser migrante, estrangeiro e exilado. Demonstra nas sutilezas das falas e dos fatos o não pertencimento. Mostra que muitas vezes a fala que tenta incluir é a mesma que delimita a linha da exclusão.

Este fenômeno existencial que Mourid retrata é atravessado por todos os conflitos significantes em nossa sociedade. Temas como grandes obras, globalização, territorialidade, urbanização, agronegócio, modelo de desenvolvimento, trabalho, sociedade de classe e identidade são como fios que formam um nó quase impossível de se desfazer. Portanto, trabalhar esses nós é o objetivo das atividades aqui propostas, contudo com o compromisso ético de sempre considerar a perspectiva dos sujeitos envolvidos nas atividades.

6 – BARGHOUTI, 2006 Pags 19 e 20

3.1 Atividades para trabalhar os conceitos de migração e migrante

3.1.1 João Bobo

Objetivo: Estabelecer relação de confiança entre os participantes; explorar ideias de confiança e desconfiança.

Tempo: 25 minutos

Recursos: Sala ampla

Instruções: Peça para que as pessoas caminhem, devagar, passando umas pelas outras, olhando-se. Formar subgrupos de três participantes. Dois devem ficar em pé, frente a frente, e o terceiro ficará entre os dois (de frente para um e de costas para o outro). O do meio deve ficar bem ereto, pernas juntas, braços esticados e colados às pernas. Os outros dois devem se posicionar com uma das pernas um pouco atrás, bem firmes, e as mãos espalmadas, em posição de apoio. O do meio deve, de olhos fechados (preferencialmente), jogar o corpo inteiro - não flexionar apenas da cintura para cima, é o corpo inteiro mesmo! - para frente e para trás, formando um pêndulo. Depois de alguns minutos, revezar, até que os três tenham participado do exercício.

Variação: Os mesmos procedimentos podem ser aplicados para subgrupos maiores (entre cinco e sete participantes). Desse modo, a pessoa que estiver no centro deve pender para todos os lados, suavemente.

Conclusão: - Como foi estar no meio? - Você teve medo? - Confiou plenamente? - Acreditou que poderia cair? - O riso (se tiver acontecido) dos que estavam segurando lhe deixou inseguro? - Teve dificuldade de se entregar totalmente? Por quê?

3.1.2 Terremoto

Objetivo: Refletir sobre processos de inclusão/exclusão, pertencimento.

Tempo: 25 minutos

Recursos: Espaço livre para que as pessoas possam se movimentar, mas quanto menor o espaço, ocorrerão mais trombadas.

Instruções: Divida o grupo em subgrupos de três pessoas, lembre-se que deverá sobrar uma pessoa fora dos subgrupos.

Cada grupo terá 2 paredes e 1 morador, onde as paredes deverão ficar de frente uma para a outra e dar as mãos (como no túnel da quadrilha da Festa Junina) e o morador deverá ficar entre as duas paredes.

A pessoa que sobrar deverá gritar uma das três opções abaixo:

- a. morador - todos os moradores trocam de “paredes”, devem sair de uma “casa” e ir para a outra. As paredes devem ficar no mesmo lugar e a pessoa do meio deve tentar entrar em alguma “casa”, fazendo sobrar outra pessoa.
- b. parede - dessa vez só as paredes trocam de lugar, os moradores ficam parados. As paredes devem trocar os pares. Assim como no anterior, a pessoa do meio tenta tomar o lugar de alguém.
- c. terremoto - todos trocam de lugar, quem era parede pode virar morador e vice-versa.

Repita a atividade até observar que ela se esgotou ou quando os membros do grupo cansarem.

Observação: Nunca dois moradores poderão ocupar a mesma casa, assim como uma casa também não pode ficar sem morador.

Conclusão: Coloque aos participantes as seguintes questões:

Como se sentiram os que ficaram sem casa? Os que tinham casa pensaram em dar o lugar ao que estava no meio? Passar isso para a nossa vida: nos sentimos excluídos no Grupo? Na Escola? No Trabalho? Na Sociedade?

3.1.3 Paratodos

Objetivo: Sensibilizar os participantes para formação multiétnica e cultural do povo brasileiro; analisar a própria formação dos participantes a partir da ancestralidade migrante e das influências de outras culturas.

Tempo: 60 minutos

Recursos: Músicas impressas

Instruções: Peça aos participantes que leiam e escutem a música Paratodos. Depois distribua uma cópia para cada grupo das letras das músicas Paratodos, Marinheiro, Irene, Com a Perna no Mundo, Preciso me Encontrar e o poema Mar de Portugal (letras disponíveis em anexo a este material). Cada um do grupo deve ler as letras de uma música em voz alta para o restante do grupo. Diga aos participantes que na música *Paratodos*, Chico Buarque utiliza a identidade regional de seus ascendentes assim como as influências de vários artistas de muitas regiões do Brasil para se definir como Artista Brasileiro.

Solicite que cada participante conte para o grupo que “artista” brasileiro ele é, declarando: De onde vêm seus ascendentes; Quais foram os motivos que fizeram com eles migrassem; Se eles mesmos já viveram em outra cidade ou em outro país; Se têm o desejo de fazê-lo; Quais são as influências culturais nacionais e internacionais que eles sofreram ao longo da vida.

Conclusão: Pergunte aos participantes quais foram as similaridades e diferenças encontradas. Pergunte se consideram a migração um fenômeno normal ou anormal. Na opinião do grupo, os estados deveriam construir políticas públicas para incentivar a migração ou evitá-la.

3.1.4 A migração na música

Objetivo: Explorar os conceitos de migração e migrante, aproximar o fenômeno da migração ao contexto brasileiro.

Tempo: 60 minutos

Recursos: Músicas impressas, contextos das músicas, cartões impressos com os conceitos, ***Guia de Referência para Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.***

Instruções: Divida os participantes em grupos de 5 pessoas. Coloque as músicas para que os participantes ouçam e entregue as letras das músicas para que eles possam ler (letras disponíveis em anexo a este material). Solicite que eles revejam os conceitos no ***Guia de Referência para Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil.***

Conceitos: Migrante, imigrante, emigrante, país de origem, país de trânsito, país de destino, migração definitiva, migração temporária, migração sazonal, migração circular, migrante documentado, migrante indocumentado, migrante em situação irregular, migração interna, migração internacional, migração econômica, migração voluntária, migração forçada, refugiados, solicitantes de asilo, apátrida, direito de emigrar, soberania do Estado, retorno voluntário, retorno forçado, retorno assistido, retorno espontâneo.

Depois de revisitar os conceitos peça que os participantes em grupo identifiquem nas letras das músicas os conceitos indicados.

Conclusão: Pergunte se consideram a migração um fenômeno normal ou anormal. Na opinião do grupo os estados deveriam construir políticas públicas para incentivar a migração ou evitá-la. Retome os conceitos com o grupo e verifique se conseguem defini-los.

3.1.5 O Apê

Objetivo: Sensibilizar quanto aos estigmas e preconceitos que temos em relação às pessoas.

Tempo: 20 minutos

Recursos: Lista dos candidatos, papel A4, tesouras, lápis e borracha.

Instruções: Diga ao grupo que eles estão se candidatando para uma vaga de emprego fora da sua cidade atual; sendo admitido, será disponibilizado um apartamento de dois quartos para moradia. O diretor da empresa decidiu que cada apartamento será compartilhado por duas pessoas.

Em seguida, divida os participantes em duplas e peça para que eles qualifiquem e justifiquem a eleição para as possíveis divisões dos quartos.

Candidatos:

- Candidato é um boliviano;
- Candidato é um pagodeiro;
- Candidato é mulher promíscua;
- Candidato é uma travesti;
- Candidato é francês;
- Candidato é poeta, que tem muitas musas para inspirá-lo;
- Candidato é garoto de programa;
- Candidato é fanático por trabalho;
- Candidato recebe visitas frequentemente;
- Candidato odeia argentinos.

Conclusão: Discuta os critérios adotados, verifique se os critérios escondem preconceitos, explore os estereótipos apresentados na lista.

CAPÍTULO 4

TRÁFICO DE PESSOAS E SUA ESTRUTURA DE ENFRENTAMENTO

4. Tráfico de pessoas e sua estrutura de enfrentamento

Neste capítulo, o leitor encontrará atividades para explorar os conceitos relativos ao tráfico de pessoas, bem como atividades relativas ao trabalho em rede a partir da estrutura de enfrentamento ao tráfico. O capítulo trabalha as ideias de sujeito de direito, sistemas de garantia, marco lógico, articulação da rede e estudo de caso. Neste capítulo, é desejado que os participantes tenham lido o Guia de Atuação para Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil.

4.1 Atividades para trabalhar os conceitos de tráfico de pessoas e estrutura para o enfrentamento ao tráfico de pessoas

4.1.1 Tome uma posição

Objetivo: Aprender os conceitos básicos relativos ao tráfico de pessoas e promover uma reflexão sobre conceitos polêmicos a partir da visualização espacial e argumentação dos participantes.

Tempo: 20 minutos

Organização do espaço: Na primeira parte, cadeiras em círculos; na segunda parte, encostar as cadeiras na parede.

Recursos: Nenhum

Instruções: Marque duas paredes opostas da sala com os dizeres concordo e discordo. Convide os participantes para se concentrarem no centro da sala. Leia as frases previamente preparadas sem explicar ou discuti-las. Peça para que eles se posicionem perto da parede que representa melhor sua posição em relação à afirmação. Os que concordam totalmente devem se posicionar junto à parede que diz “concordo” e os que discordam totalmente devem se posicionar junto à parede que tem o sinal dizendo “discordo”. No meio da sala devem ficar os que são neutros. Daí em diante cada participante pode se colocar espacialmente de acordo com a certeza ou incerteza diante da afirmação, podendo se colocar entre as paredes e o centro os que discordam ou concordam parcialmente.

Depois que os participantes tomam suas posições, o facilitador pede para que alguns manifestem sua opinião e justifiquem sua posição. Depois ele pode abrir a possibilidade para que os participantes mudem de posição. Neste momento ele pode perguntar o que os levou a mudar de posição. É importante orientar os participantes para falarem somente quando forem solicitados. Quando o facilitador terminar sua série de afirmações ele pode solicitar aos participantes que proponham novas afirmações.

Afirmações:

O tráfico de pessoas se dá sempre de um país para o outro.

Só existem casos de mulheres traficadas.

O consentimento da pessoa traficada exclui a responsabilidade dos aliciadores.

Se o turista não tiver ciência do tráfico e pagar o que foi acordado ele não tem responsabilidade sobre o crime.

As pessoas que saem do país para se prostituir são responsáveis pela situação que vão encontrar e, portanto, **não podem ser consideradas vítimas.**

4.1.2 Desafio a partir de palavras chaves

Objetivo: Explorar conceitos sobre o tráfico de pessoas.

Tempo: 35 minutos

Recursos: Folha de papel com as palavras chaves.

Instruções: Divida o grupo em dois. Distribua as mesmas palavras para os dois grupos. Cada grupo deve formular 5 perguntas para que o outro grupo responda. Cada grupo ganha um ponto a cada pergunta acertada. Na segunda fase do jogo o grupo deve formular um caso para que o outro grupo analise e determine se é um caso de tráfico de pessoas ou não.

Palavras chaves: Aliciador, trabalho escravo, trabalho forçado, tráfico, contrabando, remoção de órgãos, criança, adolescente, adulto, travesti, exploração sexual, abuso

sexual, país de destino, recrutamento, transporte, transferência, alojamento, força, fraude, sucesso, futebol, coação, força, consentimento, autoridade, internacional, interestadual, intermunicipal, local de origem, local de destino, atos, meios e finalidade.

4.1.3 Sujeito de direito

Objetivo: Construir com o grupo as qualidades do sujeito de direito.

Tempo: 45 minutos

Recursos: Papel craft, pincel atômico.

Instruções: Divida os participantes em grupos de 6 pessoas. Um dos participantes deve deitar em cima do papel craft e os outros devem desenhar o contorno do corpo do participante deitado no papel craft. Depois de desenhado o contorno do corpo, o educador pede para que os participantes escrevam os direitos que todo ser humano tem ou deveria ter. No meio do processo o educador deve lembrar alguns direitos que talvez não tenham aparecido, mas que são fundamentais para a discussão sobre o tráfico de pessoas. Ao final todos apresentam e discutem o material apresentado. Durante a apresentação do grupo o educador deve problematizar a fim de incluir novos direitos que sejam fundamentais e que não aparecem em nenhuma das apresentações. Ao final o educador deve perguntar aos participantes se todos no Brasil têm estes direitos garantidos e quais são os grupos que têm seus direitos violados sistematicamente.

Variação: O educador desenha a silhueta de um humano em uma folha de flipchart. Depois diz ao grupo que aquela silhueta representa o grupo, e em seguida passa a perguntar para o grupo quais são os direitos que eles têm. E vai anotando no flipchart as ideias do grupo.

4.1.4 Atividade: Mapeamento de ativos da rede

Objetivo: Levantar as instituições que são responsáveis em promover, fiscalizar ou defender aqueles direitos no território.

Tempo: 20 minutos

Recursos: Papel craft com o sujeito de direito desenhado com os direitos escritos, pincel atômico.

Instruções: De posse do desenho com os direitos escritos, os participantes devem desenhar um traço ligando cada direito a um ponto fora do corpo humano, onde os praticantes agora escrevem a(s) instituição(ões) que deve(m) garantir aquele direito.

4.1.5 Os de fora da lei

Objetivo: Identificar os grupos e indivíduos que têm maior probabilidade de terem seus direitos garantidos e maior dificuldade de acessarem serviços; refletir sobre segmentação dos direitos e a fragilidade dos direitos humanos.

Tempo: 25 minutos

Recursos: Poema do pastor evangélico alemão Martin Niemoller e trecho da entrevista de Milton Santos.

Instruções: Divida o grupo em subgrupos de 5 ou 6 participantes. Entregue o poema e a entrevista de Milton Santos. Peça para que os participantes leiam e façam uma reflexão sobre quais são os grupos que não têm seus direitos garantidos no Brasil e de que maneira isso afeta todo o sistema de garantia de direitos. Depois peça para que eles façam uma lista crescente dos grupos com mais direitos e os com menos direitos.

Poema sem título

"Primeiro, eles vieram..."⁷

Primeiro eles vieram atrás dos comunistas, e eu não protestei, porque não era comunista;

Depois, eles vieram pelos socialistas, e eu não disse nada, porque não era socialista;

Mais tarde, eles vieram atrás dos líderes sindicais, e eu me calei, porque não era líder sindical;

7 – Este poema, sem título, é de autoria do pastor evangélico alemão Martin Niemoller (1892-1984), preso por Hitler em 1938, durante a ascensão nazista.

Então foi a vez dos judeus, e eu permaneci em silêncio porque não era judeu;

Finalmente, vieram me buscar,

E já não havia ninguém que pudesse falar por mim.”

Trecho de entrevista do geógrafo Milton Santos

“...Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o Estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o Estado, mas afrontar o Estado. O cidadão seria tão forte quanto o Estado. O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo, e que se ainda não é cidadão sabe o que poderiam ser os seus direitos.

É neste sentido que me pergunto se a classe média é formada de cidadãos. Eu digo que não. Em todo caso, no Brasil não o é, porque não é preocupada com os direitos, mas com privilégios. O processo de desnaturaçãõ da democracia amplia a prerrogativa da classe média, ao preço de impedir a difusão de direitos fundamentais para a totalidade da população. E o fato de que a classe média goze de privilégios, não de direitos, que impedem aos outros brasileiros ter direitos. E é por isso que no Brasil quase não há cidadãos. Há os que não querem ser cidadãos, que são as classes médias, e há os que não podem ser cidadãos, que são todos os demais, a começar pelos negros que não são cidadãos. Digo-o por ciência própria. Não importa a festa que me façam aqui ou ali, o cotidiano me indica que não sou cidadão neste país...”⁸

4.1.6 Estudo de caso típico – Caso Neymar

Objetivos: Interpretar um caso de tráfico de pessoas a partir da perspectiva dos direitos; construir plano de atendimento tendo como referência os direitos humanos; identificar os atores, disciplinas e setores envolvidos na garantia dos direitos da pessoa traficada; sensibilizar sobre barreiras éticas, morais e culturais que podem colaborar para perpetuação das violações de direito.

Tempo: O tempo pode variar de 1h30 até 6 horas de atividade. O tempo vai variar de acordo com a profundidade da atividade e o foco que o educador dará à atividade.

8 – Fragmento do texto *Cidadanias Multiladas* do geógrafo Milton Santos <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/discrim/preconceito/ascidadaniasmultiladas.html> acessado no dia 22/09/2013

Recursos: uma cópia impressa do estudo de caso por participante.

Instruções: divida os participantes em grupos de 5 pessoas. Distribua os casos e peça para que eles leiam em silêncio. Após a leitura, solicite aos participantes que respondam às perguntas em grupo apontando no texto as evidências que sustentam sua opinião. Ao final solicite que os participantes escrevam em uma folha de papel A4 o nome de cada instituição e sua respectiva atribuição no atendimento de Neymar, uma instituição e sua atribuição por folha. Peça que o grupo monte um fluxo de atendimento utilizando as folhas com os nomes das instituições. O fluxo deve iniciar no momento que o caso entra na rede e finalizar quando os direitos estejam garantidos. Depois de todo trabalho pronto os grupos apresentam as respostas e os fluxos na plenária geral.

Estudo de Caso Típico - Caso Neymar⁹

Neymar tem 15 anos, morava com sua mãe e com sua avó em uma casa no bairro Bela Vista. O bairro existe há pouco mais de 10 anos. As ruas do bairro não têm pavimentação nem tão pouco saneamento básico. As casas que ficam na entrada da comunidade são de alvenaria, no entanto, as casas que ficam no morro são feitas de madeira, algumas até de garrafa de refrigerante. A maioria das residências tem acesso restrito, não sendo possível chegar através de carro ou veículos maiores.

A casa de Neymar foi construída com placas de madeira compensada, telhas de amianto e piso de terra batida. O banheiro fica fora da casa, que é composta apenas de dois cômodos. O primeiro que serve de cozinha e o outro que é o dormitório.

A mãe de Neymar tem 32 anos, desde os 25 é usuária de crack. Coursou apenas dois anos do ensino fundamental. Chegou a trabalhar como empregada doméstica mas logo que começou a fazer uso do crack se viciou e nunca mais trabalhou. A falta de cuidados básicos de higiene e uso contínuo da droga fez com que Ana perdesse os dentes da frente e, apesar de ter apenas 32 anos, aparenta mais de 50 anos de vida. Por vezes passa mais de uma semana sem voltar a sua casa. Quando Ana desaparece Neymar é quem vai procurar a mãe nas ruas da cidade e a leva de volta para casa.

A avó de Neymar tem 67 anos, aposentada como trabalhadora rural, recebe 1 salário mínimo por mês, dinheiro com o qual mantém a casa. Ela também é quem prepara as

9 – Este caso foi construído a partir de casos reais, discursos e ações da rede sobre estes casos. Contudo, o caso não é um caso real, mas sim representativo dos casos reais, preconceitos e violações de direito que acontecem na rede, por este motivo recebe o nome de caso típico.

refeições da família. Dona Josefa não sabe ler nem escrever e tem grande dificuldade para caminhar. O terreno íngreme e a falta de pavimento impedem que dona Josefa saia de casa.

O pai de Neymar vive em outra cidade mas nunca teve contato com o garoto, seu nome não consta na certidão de nascimento de Neymar.

Neymar é um menino agitado, porém parece estar atento a tudo que acontece ao seu redor. Sofre de epilepsia, foi tratado pelo psiquiatra da cidade vizinha, porém não toma o medicamento. Teria que fazer um exame de tomografia computadorizada para determinar um novo tratamento e ter acompanhamento de um neurologista, no entanto não existe nem o exame nem tão pouco o profissional na cidade.

Neymar teve vários problemas de comportamento na escola anterior e foi transferido para uma nova escola. Neymar faltava muito às aulas e quando está presente tem dificuldade de acompanhar as aulas. Quando ele está muito agitado, não para em sala de aula, perturba os outros alunos, corre pela sala e pelo corredor, não segue as regras da escola nem obedece aos professores. A diretora é a única pessoa que Neymar obedece. Neymar tem uma grande admiração pela diretora, chegou até a bater em um menino quando este ofendeu a diretora verbalmente.

Neymar esteve envolvido com o tráfico de drogas. Trabalhava como vigia, avisando aos traficantes quando a polícia chegava ao bairro. O chefe do tráfico tem 15 anos e também estuda na mesma escola de Neymar. Ele muitas vezes carrega o revólver do outro menino para que este não corra risco de ser preso com a arma.

Neymar, apesar de faltar com frequência às aulas, sempre que ameaçam afastá-lo da escola ele chora de soluçar e implora para continuar frequentando as aulas. Contudo Neymar está sempre envolvido em confusão. Sempre briga com os outros alunos, até já ameaçou funcionários e professores.

O Conselho Tutelar já foi acionado várias vezes mas não toma nenhuma providência. Os professores e funcionários da escola já perderam a paciência com Neymar, não acreditam que algo possa ser feito para que ele mude. Alguns professores e policiais dizem que o único jeito é dar um "sumiço" ou esperar ele fazer 18 anos para mandá-lo para cadeia. O sargento já explicou várias vezes que infelizmente o ECA deixa todos de mãos atadas. Não há o que possa ser feito.

A avó de Neymar acha que o problema dele é espiritual, ela diz que tanto o problema de saúde como as constantes reclamações da escola são provocados por espíritos obsessores. O pastor da igreja confirmou o parecer da avó. Dona Josefa se lamenta por não poder levá-lo à igreja frequentemente por conta de seu problema de saúde.

Dr. Carlos Alberto Neves é o médico mais respeitado da cidade, fez especialização nos EUA. Apesar de morar em Brasília, já foi vereador na cidade por 3 mandatos consecutivos. Conhece o caso de Neymar, foi ele que fez seu parto. Dr. Carlos acha que o caso de Neymar não tem solução, diz que quando a educação não vem do “berço” o sujeito não progride, a família é a base de tudo. O governo também colabora, pois incentiva a promiscuidade distribuindo uma bolsa-família para cada filho que a mulher dá à luz. Como consequência, segundo ele, as mulheres saem “abrindo as pernas pra todo mundo”. Elas sabem que o governo vai dar tudo mesmo, bolsa-escola, bolsa-família, uniforme, comida, moradia. Para ele a única solução é esterilizar essas mulheres promíscuas.

Neymar joga muito bem futebol, já jogou em vários times da região. O pastor da igreja da avó de Neymar conversou com um empresário que tem contatos em muitos clubes e empresaria grandes nomes do futebol brasileiro. O empresário fez uma doação para a igreja e pediu para que a mãe assinasse procuração e fizesse um contrato sobre os direitos federativos do garoto. Foi uma verdadeira bênção de Deus. O menino não deu mais trabalho na cidade, endireitou. Hoje mora em Santos e todos comentam na cidade que ele vai jogar no time principal em breve.

Neymar vive em um quarto na cidade de Santos com mais oito garotos. Treinam o dia todo e não frequentam a escola. Viajam para outras cidades com frequência para fazer testes nas peneiras de times com os quais os empresários têm contato. Neymar engordou e se esforça muito para conseguir uma vaga em um time grande. Sabe que essa é a única oportunidade que ele tem. O empresário disse que ele tem potencial para jogar até no exterior, tudo depende dele. Neymar tem grande estima pelo empresário, este paga sua alimentação, acomodação e treinamento, mas não gosta de corpo mole, quem desobedecer as regras é cortado na mesma hora.

O empresário tirou uma semana de férias e os meninos fizeram uma festa e perturbaram a vizinhança, os vizinhos chamaram a polícia. A polícia ao chegar no local encontrou os 8 menores sem nenhum adulto responsável presente. Todos os menores oriundos de outro município. A polícia acionou o plantão do Conselho Tutelar. Sem conseguir

nenhum contato com os familiares, o conselho acionou o plantão do MP e da Vara da Infância para abrigar os jovens. O MP então acionou o Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.

Considerando o caso acima:

Aponte os direitos por se garantir, ameaçados de violação de direito ou violados tendo como referência mínima os seguintes grupos:

- Direito de ir e vir em todo território nacional em tempos de paz;
- Direito de igualdade;
- Direito de não ser torturado e de não receber tratamento desumano ou degradante;
- Direito a sua intimidade, sua vida particular, sua honra, sua imagem, à inviolabilidade de seu domicílio, de sua correspondência, de suas comunicações telegráficas, de dados e telefônicas;
- Direito de liberdade de expressão de atividade artística, intelectual, científica, literária, e de comunicação;
- Direito de reunião e às liberdades políticas e religiosas;
- Direito à Informação, Direito de propriedade;
- Direito ao acesso à justiça e à defesa justa;
- alimentação adequada;
- Direito à convivência familiar e comunitária;
- direito a moradia;
- Direito ao trabalho, emprego e geração de renda
- Direito a formação profissional;

- Direitos sexuais e reprodutivos;
- Direito a educação;
- Enfrentamento das várias formas de discriminação;
- Direito à liberdade de expressão;
- Direito à saúde,
- Direito à previdência social;
- Direito à assistência social;
- Direito à segurança pública;
- É caso de Tráfico de Pessoas? Aponte as evidências que sustentam sua tese;
- Construa um plano de atendimento, tendo como foco a garantia desses direitos e apontando:
 - a. As perguntas a serem feitas (esclarecimento sobre motivo pelo qual o direito não foi garantido);
 - b. As ações a serem tomadas;
 - c. Os atores institucionais responsáveis pelas ações.
- Na opinião do grupo, quais atores deveriam ser responsáveis pela implementação e monitoramento do plano de atendimento?
- Quais são os dispositivos de registro e comunicação que podem ser utilizados neste atendimento?
- Quais as barreiras culturais, morais e éticas que podem ser identificadas neste caso?
- Quais os serviços e políticas públicas que são inexistentes, insuficientes ou inadequadas na rede?

CAPÍTULO 5

O TRÁFICO DE PESSOAS EM CENA – TEATRO IMAGEM

5. O Tráfico de pessoas em cena – Teatro Imagem

Neste capítulo o leitor encontrará uma oficina estruturada de Teatro Imagem para trabalhar a dinâmica do enfrentamento ao tráfico de pessoas, assim como os impasses e questões cotidianas vivenciados pelas equipes dos Núcleos e Postos.

O teatro é um poderoso meio de educação e diálogo.

O Teatro do Oprimido é uma metodologia de teatro criada por Augusto Boal que utiliza jogos e exercícios para criar diálogo entre grupos e setores da sociedade. O Teatro do Oprimido é composto por seis diferentes modalidades teatrais¹⁰, sendo a mais utilizada o Teatro Fórum, que revolucionou o teatro no mundo, pois transformou o espectador em participante, mudança essa presente em todas as técnicas do Teatro do Oprimido.

O facilitador da oficina recebe o nome de Curinga. O nome foi inspirado na carta de baralho que pode tomar o lugar de qualquer outra carta. O Curinga é aquele que pode facilitar uma oficina, encenar um papel, dirigir uma peça e ajudar o grupo a atuar e conviver. O Curinga propõe os jogos e exercícios e conduz a oficina. Até aqui adotamos o nome de educador para a pessoa que conduz o processo de formação. Nesta seção vamos adotar o nome de Curinga.

As primeiras atividades de teatro visam à integração de seus membros para que o agrupamento de pessoas possa se tornar um grupo. As atividades iniciais têm por objetivo criar um espaço onde os integrantes desse grupo possam se sentir confortáveis e acolhidos para, gradativamente, entrarem em contato com questões que desejam transformar na sociedade, como as questões que os oprimem. A partir desse ponto, o grupo inicia a investigação dos problemas a serem transformados e, neste material, dos problemas relativos ao enfrentamento ao tráfico de pessoas. Esse levantamento levará à formulação de uma imagem de teatro que representa um problema para o grupo. A partir da imagem do problema o grupo poderá ensaiar possíveis soluções.

O Teatro Imagem é uma das modalidades do Teatro do Oprimido, tem a intenção de ensaiar uma transformação da realidade através do uso da imagem corporal. Primeiramente, um participante decide um tema problema a ser tratado, que pode ser

10 – Teatro Jornal, Teatro Invisível, Arco Íris do Desejo, Teatro Imagem e Teatro Legislativo. Cada modalidade é utilizada com diferentes objetivos e todas elas levam conteúdo das demais.

local ou global, mas que de certa forma tenha um significado para a maioria do grupo. Em seguida, alguns participantes se disponibilizam no espaço cênico como massas moldáveis, ou melhor, futuras estátuas. O participante protagonista vai esculpindo essas estátuas, buscando representar imagetivamente a situação em questão. Ao montar o quadro vivo os participantes são convidados a modificarem as imagens problema para uma situação ideal. Por fim, cria-se a imagem de transição entre o problema e a solução.

No Teatro Imagem, as temáticas das peças apresentadas partem do problema do grupo. Os membros do grupo são os atores, diretores e produtores de suas próprias peças e a plateia que, identificada e/ou solidária com o conflito encenado, não fica passiva, mas pode entrar em cena e intervir no problema apresentado para transformá-lo. Afinal, “cidadão não é aquele que vive em sociedade, é aquele que a transforma”.¹¹

O Fórum de Imagens é uma pergunta sincera que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz ao público. O público por sua vez ensaia respostas possíveis para aquele problema. Na oficina de Teatro Imagem, o Fórum se dá a partir de imagens de problemas e imagens de soluções possíveis, assim como no ensaio dos passos para transformar a imagem problema em imagem solução.

A oficina de Teatro Imagem está estruturada em uma sequência previamente pensada e deve ser desenvolvida na ordem descrita abaixo. O primeiro pressuposto que Boal elaborou em seu trabalho foi que todas as pessoas fazem teatro. Boal fez inclusive uma famosa brincadeira dizendo que todos fazem teatro, inclusive os atores. Depois afirmou que todos fazem teatro, inclusive os bons participantes, pois os maus atores só representam a si mesmos.

As pessoas agem no mundo e ao agir se observam na ação. Essa possibilidade de agir e de se ver agindo faz com que os humanos possam rever suas ações e ensaiar novas maneiras de atuar no mundo. A isso Boal dá o nome de Teatro Essencial. Portanto, todos os seres humanos são capazes de fazer teatro, inclusive os atores.

Ao repetir várias vezes a mesma ação e atuar sempre o mesmo personagem, a si mesmos, os humanos acabam por especializar seus movimentos, o modo de falar, de agir, de representar. Para ser capaz de atuar outros personagens, que não a si mesmos, e também de transformar sua maneira cotidiana de agir, o participante deve desmecanizar

11 – Augusto Boal.

seus movimentos. Por isso, Boal pensou jogos e exercícios que estão organizados em 5 categorias diferentes para desmecanizar o corpo das pessoas e aprimorar a capacidade de atuar e de fazer teatro. Esse repertório auxilia a desmecanização física e intelectual de seus praticantes, estimulando-os a buscar suas próprias formas de expressão.

As categorias são:

- 1- sentir tudo que se toca,
- 2- escutar tudo que se ouve,
- 3- ver tudo que se olha,
- 4- ativando os vários sentidos,
- 5- a memória dos sentidos.

Os jogos e exercícios a seguir fazem parte do arsenal de jogos do Teatro do Oprimido e têm por objetivo tornar os participantes capazes de fazer teatro.

Aqui está a sequência de jogos e exercícios:

1. Cruz e círculo
2. Escrever o nome no ar
3. Nariz, orelha e testa
4. Bons dias
5. 1, 2, 3 de Bradford
6. Ninguém com ninguém
7. Viagem Imaginária
8. Completar imagem
9. Demonstração de fórum – aperto de mão

10. Escultor e escultura

11. Fórum de imagem

12. Círculo de nós

Os jogos e exercícios de 1 a 7 têm por finalidade preparar os participantes a **utilizar o corpo de maneira mais expressiva e criativa**. Os exercícios 7 e 8 vão **aprimorar a capacidade de criar e ler as imagens criadas a partir do corpo**. O exercício 9 ilustra **o que é opressão no Teatro do Oprimido e também demonstra o Teatro Fórum**. No exercício 10 os participantes têm **oportunidade de explorar um tema relativo ao tráfico de pessoas utilizando as imagens do corpo**. O exercício 11 é objetivo maior da oficina de Teatro Imagem, os participantes vão utilizar todos os elementos aprendidos até aqui para **criar uma imagem que contenha uma pergunta e o grupo irá coletivamente buscar respostas utilizando a linguagem teatral**. O exercício 12 propõe **um problema físico, um nó humano que desafia o grupo e demanda o diálogo entre os participantes para resolver o problema**. Este exercício harmoniza as energias entre os participantes, por isso é proposto ao final para que os participantes deixem a oficina sentindo-se capazes de enfrentar esse tipo de desafio.

5.1 Atividades do Teatro do Oprimido

5.1.1 Cruz e círculo

Objetivo: Integração e ativar os vários sentidos.

Tempo: 5 minutos

Recursos: Sala com ou sem cadeiras.

Instruções: Peça que a plateia levante a mão direita para cima e faça um círculo no ar. Depois peça que levante a mão esquerda e faça uma cruz (ou sinal de mais para quem não é cristão) no ar. Por último, peça que levante as duas mãos para cima e ao mesmo tempo faça o círculo com a mão direita e a cruz com a mão esquerda.

- Importante: o Curinga pode convidar alguém que conseguiu realizar o exercício para fazer uma demonstração.

5.1.2 Escrever o nome no ar

Objetivo: Integração e ativar os vários sentidos.

Tempo: 5 minutos

Recursos: Sala com ou sem cadeiras.

Instruções: Peça para que a plateia faça um círculo no ar com a perna referente à mão que escreve. Ou seja, se a pessoa for destra, ela fará o círculo com a mão direita, e se for canhota, com a mão esquerda. Então, peça para que cada um escreva o seu primeiro nome no ar.

5.1.3 Nariz, orelha, testa

Objetivo: Integração e escutar tudo que se ouve.

Tempo: 5 minutos

Recursos: Sala com ou sem cadeiras.

Instruções: Oriente aos participantes que eles devem colocar suas mãos nas partes do próprio corpo que o Curinga solicitar. Fale partes do corpo e ao mesmo tempo coloque sua mão nestas partes, sendo que na última ele “engana” os participantes, colocando sua mão numa parte, mas dizendo o nome de outra. Por exemplo: fala testa, mas coloca a mão no pescoço. Isso causa uma confusão no espectador que observa e é levado a colocar a mão na parte que o Curinga toca e não na que ele fala.

- Importante: o Curinga deve fazer três ou mais vezes, podendo acelerar a cada vez.

5.1.4 Bons dias

Objetivo: Integração e sentir tudo que se toca.

Tempo: 5 minutos

Recursos: Sala com ou sem cadeiras.

Instruções: Diga aos participantes que andem pela sala somente olhando uns para os outros. Em seguida, peça para que eles deem bom dia aos demais, dando-lhes as mãos. Só pode soltar uma das mãos quando a outra estiver ligada a um outro participante.

5.1.5 1, 2, 3 de Bradford

Objetivo: : concentração e ativar os vários sentidos.

Tempo: 10 minutos

Recursos: Sala sem cadeiras.

Instruções: Divida o grupo em duplas. Um de frente para o outro, os pares devem contar de 1 a 3, alternadamente, sempre retornando ao 1 quando chega ao número 3. Quando o jogo ganhar fluidez determine a substituição do nº 1 por um movimento rítmico. Um gesto e um som criativo e expressivo. Assim sucessivamente até que todos os números tenham sido substituídos, cada um por um movimento rítmico. As duplas então são convidadas a mostrar para o grupo o resultado do exercício. Inicie o jogo com uma demonstração através de dois voluntários.

5.1.6 Ninguém com ninguém

Objetivo: Integração e preparação do corpo do ator.

Tempo: 10 minutos

Recursos: Sala com ou sem cadeiras.

Instruções: Divida em duplas, dê comandos de forma que os corpos das duplas se toquem pelas partes comandadas, cumulativamente. Ex.: nariz com nariz ou orelha no ombro. Até que as duplas estejam “torcidas” de modo a ser impossível a adição de mais algum comando. Nesse momento, então, o Curinga grita “ninguém com ninguém”. Todos devem correr e encontrar novos pares. A pessoa que ficar sem par deverá dar os comandos. Os pares não devem se repetir.

5.1.7 Viagem imaginária

Objetivo: Concentração e ativar a memória dos sentidos.

Tempo: 25 minutos

Recursos: Sala sem cadeiras.

Instruções: Divida em pares. Um deve ficar com os olhos totalmente fechados e o outro será o guia. Peça para que o que for o guia imaginar um lugar onde ele irá levar o cego para viajar. Sugira cenários possíveis, como por exemplo, uma floresta, um supermercado, a Lua, o deserto do Saara ou outro cenário real ou imaginário que o guia tenha em mente. O cego deve ser conduzido pelo seu guia através de uma série de obstáculos reais ou imaginários. Todos os exercícios são desta natureza, falar é proibido; toda informação deve ser passada através do contato físico e dos sons.

Peça para que o guia espalhe obstáculos por toda a sala: cadeiras, mesas, tudo que estiver disponível – às vezes os obstáculos serão reais, outras vezes imaginários. Peça para que o cego imagine o lugar onde está. Por exemplo, em um rio? Um rio com jacarés? Pedras? O guia deve usar o contato físico, a respiração ou sons, como forma de guiar; o cego, por sua vez, não poderá fazer nenhum movimento que não lhe tenha sido ordenado ou sugerido.

Depois de alguns minutos, sinalize que a viagem está no fim, para que os guias possam ter tempo de concluir suas viagens. Ao final do exercício o cego relata ao guia onde crê que os dois estiveram. Em resumo, deve dar as informações reais que percebeu com os seus sentidos, exceto a visão. Depois das informações objetivas, os cegos dizem para onde acreditam ter viajado: contam a viagem inventada. Os guias contam então as suas histórias, e eles as comparam. Na segunda rodada, quem guiou será guiado, mas agora não é permitido mais usar o som.

5.1.8 Completar a imagem

Objetivo: Desenvolver a linguagem – leitura e criação de imagens do corpo.

Tempo: 20 minutos

Recursos: Sala sem cadeiras.

Instruções: Solicite que dois participantes cumprimentem-se apertando as mãos. Congela-se a imagem. Peça ao grupo que diga quais os possíveis significados que esta imagem pode ter: é um encontro de negócios, amantes deixando-se para sempre, um negociante de drogas, etc.

Várias possibilidades são exploradas. Imagens são polissêmicas e seus significados dependem não só delas mesmas, mas também dos observadores, que, a partir de suas experiências, projetam significados naquilo que veem.

Peça para que um dos participantes da imagem deixe a dupla, pergunte ao grupo sobre os significados possíveis da imagem que resta, agora, solitária. Convide um outro participante que queira entrar na imagem em uma outra posição, podendo tocar no outro, mas sem alterar sua imagem original, dando-lhe um novo significado – o primeiro participante continua imóvel. Depois, o primeiro participante sai e um quarto entra na imagem. Sempre que um entra, outro sai e um outro continua. A troca de ideias valoriza os diferentes pontos de vista. Esse exemplo do exercício é dado com uma última dupla fixa.

Depois desta demonstração, divida o grupo em pares e comece uma imagem de aperto de mãos. Peça para que um dos parceiros se retire da imagem, deixando o outro com a mão estendida. Agora, ao invés de dizer o que esta imagem significa, o parceiro que saiu retorna e completa a imagem, mostrando o que vê como um possível significado seu: ao colocar-se em uma posição diferente, em uma nova relação com o parceiro que está com a mão estendida, muda o significado da imagem.

Então, o segundo parceiro sai desta nova imagem, observa e, depois, retorna à imagem e a completa, mudando o significado mais uma vez. E assim por diante: um parceiro de cada vez, estabelecendo um diálogo de imagens. Como os exercícios de modelagem, os participantes devem pensar com seus corpos. Não importa se a maneira que o participante escolheu para completar a imagem não tenha significado literal. O importante é deixar o jogo correr e as ideias fluírem.

Coloque os participantes em trios. Peça para que dois participantes apertem as mãos e congelem; um terceiro participante completa alterando o significado da imagem; os participantes se alternam saindo e voltando para a imagem, assim como foi feito nas duplas. Depois de um tempo, o Curinga pede que as imagens sejam congeladas.

Escolhe uma das imagens. Descongela as outras e solicita que o grupo complete a imagem selecionada.

5.1.9 Demonstração de teatro-fórum – O aperto de mãos

Objetivo: Apresentar o conceito de opressão no Teatro do Oprimido e demonstrar a estrutura do teatro-fórum.

Tempo: 25 minutos

Recursos: Sala sem cadeiras.

Instruções: Solicite dois voluntários, peça a eles que improvise a seguinte cena: a uma certa distância, um estende a mão para o outro, sinalizando um encontro. Os dois se aproximam para o aperto de mãos. No momento do aperto de mãos, um vira de costas para o outro, surpreendendo-o com a recusa do cumprimento. O que sofre a recusa é oprimido naquele momento, pois tem um desejo claro, apertar a mão do outro. Isto deve ser evidenciado para o grupo. O oprimido é aquele que quer alguma coisa, que deseja algo. O opressor está bloqueando o desejo do oprimido. Os participantes substituem o personagem oprimido e, através de imagens, devem apresentar alternativas.

Ao final, o Curinga pode esclarecer ao grupo o que é o teatro-fórum. Pode dizer que é uma encenação, baseada em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na luta por seus respectivos desejos e interesses. O personagem opressor utiliza sua condição social (status social, poder econômico, força física, hierarquia, etc.) para impedir que o oprimido alcance seu objetivo. Nesse confronto, o oprimido fracassa e o público é convidado a entrar em cena, substituir o protagonista, o oprimido, e buscar alternativas para o problema encenado. Esse é o momento de demonstração da técnica que será usada no guia. Deve-se esclarecer ao grupo que a imagem que será montada no decorrer da oficina terá a mesma estrutura, mas será construída a partir das histórias dos participantes.

5.1.10 Galeria de estátuas

Objetivo: Pesquisar histórias de conflito e criar a capacidade de traduzir histórias em imagens estáticas.

Tempo: 20 minutos

Recursos: Sala sem cadeiras.

Instruções: Divida o grupo em duplas. Solicite aos participantes que decidam quem será “A” e quem será “B” em cada dupla, de maneira arbitrária. Solicite que os “As” das duplas escolham um tema problema a ser tratado, que pode ser local ou global, mas que de certa forma tenha um significado para a maioria do grupo. Os participantes “B” se disponibilizam no espaço cênico como massas moldáveis, ou melhor, futuras estátuas. O participante “A” deve esculpir uma estátua buscando representar imgeticamente a situação em questão. É fundamental que haja silêncio total. Ao final todos os “As” andam pela sala vendo as estátuas dos outros participantes e tentando imaginar a história por trás daquela imagem. Após a leitura das imagens pelos participantes, solicite que cada um volte para sua dupla e agora troquem os papéis, repetindo os mesmos passos anteriores. O “B” se torna escultor e o “A” estátua.

5.1.11 Fórum de imagens

Objetivo: Debater temas que constituem um problema para o grupo e propor soluções.

Tempo: 35 minutos

Recursos: Sala com ou sem cadeiras.

Instruções: Divida o grupo em subgrupos de 4 a 8 pessoas. Peça que cada grupo crie uma imagem que contenha um conflito. Um conflito que o oprimido da cena não saiba como resolver. Cada personagem deve pensar em uma história que ele mesmo viveu ou que alguém próximo experienciou. A história deve ser contada da perspectiva do oprimido, que neste caso pode ser a pessoa traficada, o familiar da pessoa traficada, um dos membros da rede de enfrentamento que não consegue êxito em sua ação, contracenando com o opressor que neste contexto do tráfico de pessoas pode ser transportadores, aliciadores, exploradores, cobradores, guias, servidores públicos corruptos, ineficientes ou coniventes com o crime. A inexistência, insuficiência de um serviço pode ser também um participante estrutural de opressão. Após cada participante contar uma história, o grupo deve escolher uma das histórias para ser representada na imagem.

Na imagem devem estar presentes todos os personagens do conflito. A imagem deve representar o clímax da situação, o momento da crise chinesa¹². Para os chineses a palavra crise quer dizer ao mesmo tempo risco e oportunidade. Boal utiliza esta ideia para elaborar sua dramaturgia. Portanto, deve-se representar na imagem o momento de crise que apresenta tanto o perigo como a oportunidade.

Depois de montadas as imagens os grupos apresentam as imagens entre si e devem propor uma imagem solução. Após definidas as imagens problema e solução o grupo deve pensar quais seriam os passos para chegar de uma à outra.

5.12 Círculo de nós

Objetivo: Precipitar o diálogo entre os participantes e harmonizar as relações entre os participantes.

Tempo: 10 minutos

Recursos: Sala sem cadeiras.

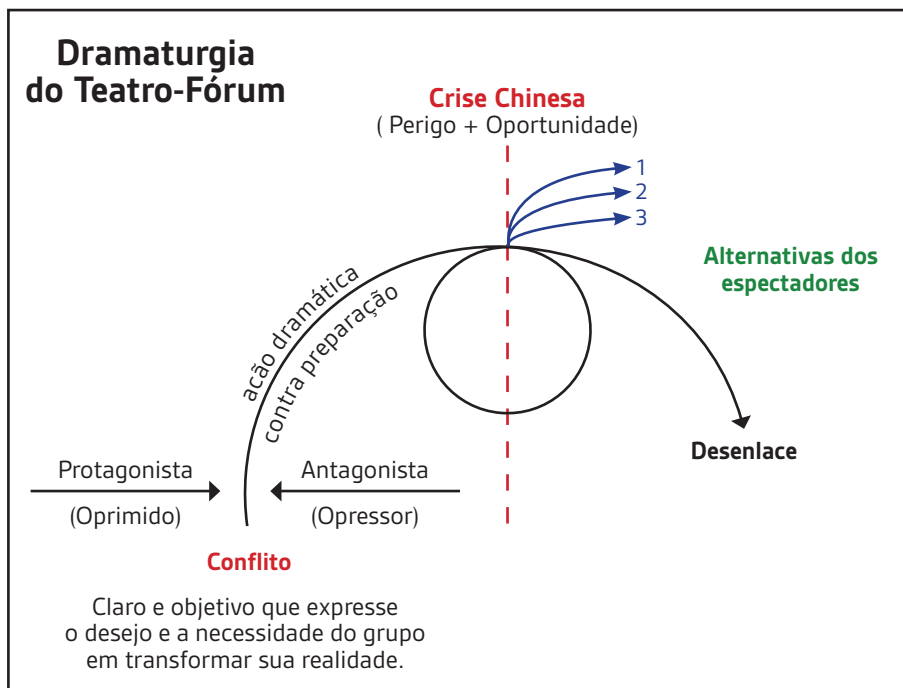
Instruções: Peça que os participantes formem um círculo, todos de mãos dadas, sem soltar as mãos. Separe dois participantes e conduza um dos participantes através dos braços dos outros, puxando os outros (sempre lentamente, sem violência, com leveza) e passando por cima e por baixo das mãos dos companheiros a sua frente, de modo que façam um nó. Quando obter um nó, junte novamente as mãos dos participantes que foram separados inicialmente. Muito lentamente, em silêncio, eles tentarão voltar à posição inicial sem poder soltar as mãos.

Variação: Participantes memorizam quem está a sua direita e a sua esquerda. Andam pela sala tentando ocupar todo o espaço. Ao sinal do Curinga, param. Localizam seus parceiros da direita e da esquerda e lentamente seguram em suas mãos. Compõe-se um emaranhado. Os participantes devem se mover lentamente e sem soltar as mãos de modo a retomar o círculo.

Outra variação possível: Todos próximos uns dos outros com as mãos ao alto. Com a mão direita cada um pega uma mão esquerda de outro parceiro e com a esquerda uma mão direita, formando o grande nó, que deve ser desfeito lentamente. Importante:

12 – Ilustração na página 59

cuidado para não machucar o parceiro, tudo em silêncio e lentamente, tirar objetos que possam machucar (relógio, prendedores de cabelo, etc), não falar, não pode soltar as mãos.



Estrutura básica do Conflito entre opressor e oprimido – Dramaturgia do Teatro-Fórum.

CONCLUSÃO

Conclusão

No *Guia de Formador de Formadores para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil* o leitor pode encontrar ideias, jogos, exercícios e atividades para trabalhar conceitos fundamentais para a compreensão do fenômeno do tráfico de pessoas.


Todos os capítulos fazem uma articulação entre conceitos encontrados no *Guia de Referência para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil* e no *Guia de Atuação para a Rede de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil* a partir de uma metodologia participativa que propõe uma superação na diferença educador e educando. Neste trabalho, formador e formadores estão alinhados na lógica da criação e recriação do conhecimento para o enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Os direitos humanos e a educação em direitos humanos atravessam o programa em todas as suas atividades. Os direitos humanos representam um marco transformador na própria ideia de humano, além de afirmar a ideia de um humano universal afirma que todos os seres humanos do planeta são detentores dos mesmos direitos.

Os direitos humanos no Brasil oferecem subsídios para os movimentos sociais para transformar a realidade injusta do país, de origem escravocrata, com instituições democráticas frágeis e marcadas por uma história republicana recente, atravessada por regimes ditatoriais. Portanto, os direitos humanos desafiam a realidade brasileira que muitas vezes é desigual, injusta e violadora de direito. Esse desafio de afirmar o estado democrático de direito se apresenta cotidianamente na vida do brasileiro comum.

A demanda de implementar direitos para todos em sua integralidade é o grande desafio da sociedade brasileira contemporânea, tão marcada por desigualdades persistentes. A afirmação da universalidade dos direitos implica no empenho contra a violência urbana, pela moradia adequada, por uma escola de qualidade ou por acesso a um salário digno.

Nesse sentido, o tráfico de seres humanos aparece como uma violação de direitos causada pela situação de extrema vulnerabilidade em que se encontram diversos grupos sociais. Uma agenda efetiva contra o tráfico de pessoas pressupõe uma decisão coesa da sociedade em não mais permitir que cidadãos e cidadãs permaneçam privados de direitos básicos.



Por isso, essa proposta de formação para o enfrentamento ao tráfico de pessoas se assenta nos princípios dos direitos humanos, porque fora deles não há prevenção, proteção ou responsabilização possível.

Neste cenário, afirmar os direitos humanos através de processos educativos é a possibilidade, não só de formar novos profissionais sensibilizados e comprometidos com o enfrentamento ao tráfico de pessoas, mas de transformar a realidade brasileira.

Bibliografia

BARGHOUTI, Mourid. Eu vi Ramallah – Memórias. 1ª edição. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em:

<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf> Acesso em 2013.10.02

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em:

<http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Ação_Cultural_para_a_Liberdade.pdf> Acesso em 2013.10.02

Anexos - Letras e Poesias

Letras das músicas utilizadas nas atividades propostas no capítulo Migração e Migrantes – explorando os conceitos.

Paratodos

(Chico Buarque)

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antônio Brasileiro
Foi Antônio Brasileiro
Quem soprou esta toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas
Ver o inferno e maravilhas
Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Cria, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia, crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro
Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho

Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinícius
Beba Nelson Cavaquinho
Para um coração mesquinho
Contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto
Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara
Evoé, jovens à vista
O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista Brasil

Irene

(Caetano Veloso)

Eu quero ir, minha gente,
eu não sou daqui
Eu não tenho nada,
quero ver Irene rir
Quero ver Irene dar sua risada
Quero ver Irene dar sua risada
Irene ri, Irene ri, Irene
Irene ri, Irene ri, Irene
Quero ver Irene dar sua risada

Marinheiro Só

(Domínio público)

Eu não sou daqui - marinheiro só
Eu não tenho amor - marinheiro só
Eu sou da Bahia - marinheiro só
De São Salvador - marinheiro só

Eu não sou daqui - marinheiro só
Eu não tenho amor - marinheiro só
Eu sou da Bahia - marinheiro só
De São Salvador - marinheiro só

Ô, marinheiro marinheiro - marinheiro só
Ô, quem te ensinou a nadar - marinheiro só
Ou foi o tombo do navio - marinheiro só
Ou foi o balanço do mar - marinheiro só

Ô, marinheiro marinheiro - marinheiro só
Ô, quem te ensinou a nadar - marinheiro só

Ou foi o tombo do navio - marinheiro só
Ou foi o balanço do mar - marinheiro só

Lá vem, lá vem - marinheiro só
Como ele vem faceiro - marinheiro só
Todo de branco - marinheiro só
Com o seu bonezinho - marinheiro só

Lá vem, lá vem - marinheiro só
Como ele vem faceiro - marinheiro só
Todo de branco - marinheiro só
Com o seu bonezinho - marinheiro só

Ô, marinheiro marinheiro - marinheiro só
Ô, quem te ensinou a nadar - marinheiro só
Ou foi o tombo do navio - marinheiro só
Ou foi o balanço do mar - marinheiro só

Ô, marinheiro marinheiro - marinheiro só
Ô, quem te ensinou a nadar - marinheiro só
Ou foi o tombo do navio - marinheiro só
Ou foi o balanço do mar - marinheiro só

Lá vem, lá vem - marinheiro só
Como ele vem faceiro - marinheiro só
Todo de branco - marinheiro só
Com o seu bonezinho - marinheiro só

Lá vem, lá vem - marinheiro só
Como ele vem faceiro - marinheiro só
Todo de branco - marinheiro só
Com o seu bonezinho - marinheiro só

Com a Perna no Mundo

(Gonzaguinha)

Acreditava na vida, na alegria de ser
Nas coisas do coração, nas mãos, um
muito fazer
Sentava bem lá no alto, pivete olhando
a cidade
Sentindo o cheiro do asfalto, cresceu por
necessidade
Ô Dina,
Teu menino desceu o São Carlos
Pegou um sonho e partiu
Pensava que era um guerreiro
Com terras e gentes a conquistar
Havia um fogo em seus olhos
Um fogo de não se apagar
Diz lá pra Dina que eu volto
Que seu guri não fugiu
Só quis saber como é, qual é
Perna no mundo, sumiu
E hoje, depois de tantas batalhas
A lama dos sapatos é a medalha
Que ele tem pra mostrar
Passado é um pé no chão e um sabiá
Presente é a porta aberta
E o futuro é o que virá
Mas, e daí
Ô ô e e á, o moleque acabou de chegar
Ô ô e e á, nessa cama é que eu quero
sonhar

Ô ô e e á, amanhã boto a perna no
mundo

Ô ô e e á, é que o mundo é que é meu
lugar

Mar de Portugal

(Fernando Pessoa)

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Lugar Nenhum

(Titãs)

Não sou brasileiro,
Não sou estrangeiro,
Não sou brasileiro,
Não sou estrangeiro.
Não sou de nenhum lugar,
Sou de lugar nenhum.
Não sou de São Paulo,

não sou japonês.
Não sou carioca,
não sou português.
Não sou de Brasília,
não sou do Brasil.
Nenhuma pátria me pariu.
Eu não tô nem aí.
Eu não tô nem aqui.

Preciso me Encontrar

(Cartola)

Deixe-me ir, preciso andar,
Vou por aí a procurar,
Rir pra não chorar.

Quero assistir o sol nascer,
Ver as águas dos rios correr,
Ouvir os pássaros cantar,
Eu quero nascer e quero viver...

Deixe-me ir, preciso andar,
Vou por aí a procurar,
Rir pra não chorar.

Se alguém por mim perguntar,
Diga que eu só vou voltar,
Depois que eu me encontrar...

Quero assistir o sol nascer,
Ver as águas dos rios correr,
Ouvir os pássaros cantar,

Eu quero nascer e quero viver...

Deixe-me ir preciso andar,
Vou por aí a procurar,
Rir pra não chorar.

Deixe-me ir preciso andar,
Vou por aí a procurar,
Rir pra não chorar.

London, London

(Caetano Veloso)

I'm wandering round and round,
nowhere to go

I'm lonely in London, London is lovely so

I cross the streets without
fear Everybody keeps the way clear

I know I know no one here to say
hello I know they keep the way clear I
am lonely in London without fear I'm
wandering round and round, nowhere to
go While my eyes go looking for flying
saucers in the sky Oh Sunday, Monday,
Autumn pass by me And people hurry
on so peacefully A group approaches
a policeman He seems so pleased to
please them It's good at least, to live and
I agree He seems so pleased, at least And
it's so good to live in peace And Sunday,
Monday, years, and I agree

While my eyes go looking for flying
saucers in the sky I choose no face to

look at, choose no way I just happen to
be here, and it's ok

Green grass, blue eyes, grey sky God
bless silent pain and happiness I came
around to say yes, and I say

While my eyes go looking for flying
saucers in the sky

London, London¹³

(Caetano Veloso)

Estou vagando, dando umas voltas, sem
direção

Estou solitário em Londres, Londres é
amável assim

Cruzo as ruas sem medos

Todo mundo deixa o caminho livre

Sei que não conheço ninguém aqui pra
dizer olá

Sei que eles deixam o caminho livre

Estou solitário em Londres, sem medos

Estou vagando, dando umas voltas, sem
direção

Enquanto meus olhos saem procurando
discos voadores pelos céus.

13 – Esta música foi composta durante a ditadura, um período difícil da história do Brasil. Vários dos maiores artistas brasileiros da época foram presos e exilados, como forma de não articularem as massas contra o regime. Gilberto Gil e Caetano Veloso moraram de 1969 a 1972 em Londres, longe da família, dos amigos e dos fãs. Na Inglaterra tiveram contato com culturas e influências muito diferentes. O paralelo entre a imersão em um novo mundo e a preocupação com a vida do Brasil é tema de grande parte da produção gerada por Gil e Caetano na temporada inglesa.

Oh Domingo, segunda, Outono, passam
por mim

E as pessoas passam apressadas com
tanta paz

Um grupo chega a um policial

Ele parece tão satisfeito em poder
atendê-los

É bom pelo menos estar vivo e eu
concordo ...

Ele parece tão satisfeito, pelo menos

E é tão bom viver em paz

E Domingo, segunda, os anos, e eu
concordo ...

Enquanto meus olhos saem procurando
por discos voadores no céu

Não escolho nenhum rosto para olhar,
não escolho caminho

Acontece apenas de eu estar aqui e estar
tudo bem.

O Bêbado e a Equilibrista¹⁴

14 – O Bêbado e a Equilibrista é uma das mais famosas músicas da resistência ao Regime Militar brasileiro. A música foi composta por Aldir Blanc e João Bosco e lançada no LP Linha de Passe, em 1979, e gravada por Elis Regina, voz que deu forma à música e ficou conhecidíssima. Betinho, sociólogo, ativista pelos direitos humanos, perseguido e exilado na época do regime militar, era irmão de Henrique de Souza, o cartunista Henfil, este que foi apresentado ao compositor Aldir Blanc por sua amiga, a cantora Elis Regina, no verão de 1975, iniciando assim, uma boa amizade. Sensibilizado com o falecimento de Charlie Chaplin, João Bosco compôs uma linda melodia em sua homenagem e chamou Aldir para mostrá-la. Aldir letrou a música e fez uma singela homenagem ao rimar "Brasil" com "irmão do Henfil", esta rima, que por sua vez teve papel de emoção, mobilização, transformação e incentivo a uma nação reprimida. Aldir afirmou que se dissesse "Betinho", ninguém reconheceria, a referência ao irmão Henfil era mais forte, ele já tinha fama na época, enquanto a imagem pública de Betinho veio a se formar com força já pelos anos noventa, principalmente após a criação da "Ação da Cidadania".

(João Bosco)

Caía a tarde feito um viaduto

E um bêbado trajando luto me lembrou
Carlitos

A lua tal qual a dona do bordel

Pedia a cada estrela fria um brilho de a...
lu...quel

E nuvens lá no mata-borrão do céu

Chupavam manchas torturadas, que
sufoco louco

O bêbado com chapéu coco fazia
irreverências mil

Pra noite do Bra...sil, meu Brasil

Que sonha com a volta do irmão do
Henfil

Com tanta gente que partiu num rabo de
foquete

Chora a nossa pátria mãe gentil

Choram Marias e Clarisse no solo do
Brasil

Mas sei que uma dor assim pungente
não há de ser inutilmente

A esperança dança na corda bamba de
sombriinha

E em cada passo dessa linha pode se
ma...chu...car

Azar, a esperança equilibrista

Sabe que o show de todo artista tem que
continuar

Herbert de Souza, o Betinho, ouviu pela primeira vez a
canção, na doce voz de Elis, exilado no México.

Meu Caro Amigo¹⁵

(Chico Buarque e Francis Hime)

Meu caro amigo, me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita

Mas como agora apareceu um portador

Mando notícias nessa fita

Aqui na terra tão jogando futebol

Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll

Uns dias chove, noutros dias bate o sol

Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação

Que a gente vai levando de teimoso e de
pirraça

E a gente vai tomando que também sem
a cachaça

Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo eu não pretendo
provocar

Nem atçar suas saudades

Mas acontece que não posso me furtar

A lhe contar as novidades

Aqui na terra tão jogando futebol

Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll

15 – O teatrólogo Augusto Boal, exilado em Portugal, sempre reclamava que os amigos não mandavam notícias do Brasil. Chico Buarque estava tentando fazer a letra para uma música romântica, mas não conseguia avançar. Pediu a Francis Hime um chorinho - e, utilizando como refrão "a coisa aqui tá preta", atualizou a correspondência e informou não só o amigo, mas todos os brasileiros, sobre a situação do país.

Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de birra, só
de sarro
E a gente vai fumando que, também,
sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e
rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
Muita careta pra engolir a transação
Que a gente tá engolindo cada sapo no
caminho
E a gente vai se amando que, também,
sem um carinho
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu bem queria lhe
escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e

rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas
crianças
O Francis aproveita pra também mandar
lembranças
A todo o pessoal
Adeus

Asa Branca

(Luiz Gonzaga)

Quando olhei a terra ardendo
Qual a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que brasileiro, que fornalha
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca bateu asas do
sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Clandestino

(Manu Chao)

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley

Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Por no llevar papel

Pa' una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar

Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar

Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida
Dice la autoridad

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel

Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Yo soy el quiebra ley

Mano Negra clandestina
Peruano clandestino
Africano clandestino
Marijuana ilegal

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley

Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Por no llevar papel

Argelino clandestino
Nigeriano clandestino
Boliviano clandestino
Manu Negra ilegal

Clandestino

(Manu Chao)

Sozinho vou com minha dor
Escolho minha sentença
Correr é meu destino
Para escapar da lei

Perdido no coração
Da grande Babilônia
Me chamam de clandestino
Por não ter identidade

Pra uma cidade do norte
Eu parti para trabalhar
Minha vida lá deixei
Entre Celta e Gibraltar

Sou uma arraia no mar
Fantasma da cidade
Minha vida é proibida
Disse a autoridade

Sozinho vou com minha dor
Escolho minha sentença
Correr é meu destino
Para escapar da lei

Perdido no coração
Da grande Babilônia
Me chamam de clandestino

Eu sou o “Quebra Lei”
Mano Negra clandestina
Peruano clandestino
Africano clandestino
Maconha ilegal

Sozinho vou com minha dor
Escolho minha sentença
Correr é meu destino
Para escapar da lei

Perdido no coração
Da grande Babilônia
Me chamam de clandestino
Por não ter identidade

Argelino clandestino
Nigeriano clandestino
Boliviano clandestino
Mão Negra ilegal

Anotações:



UNIÃO EUROPEIA